



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO INTEGRADO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL



IRIS GRAZIELA TELES MACHADO

**ASSASSINATOS EM SÉRIE:
UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA NO CASO MANÍACO DA CRUZ**

CAMPO GRANDE - MS

2025

IRIS GRAZIELA TELES MACHADO

**ASSASSINATOS EM SÉRIE:
UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA NO CASO MANÍACO DA CRUZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Área de Concentração: Antropologia Social.

Linha de Pesquisa: Antropologia Urbana.

Orientador: Prof. Dr. Asher Grochowalski Brum Pereira.

CAMPO GRANDE - MS

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a D'us por ter me dado a oportunidade e forças para concluir essa fase de meus estudos, secundamente aos meus pais José Carlos Alves Machado e Rozuleide Luiz Teles Machado, que sempre me incentivaram a estudar, e nunca fizeram com que eu me sentisse menos do que eu era capaz; a minha irmã Cynthia Fernanda Teles Machado, que seguiu a minha ideia e se inscreveu no mestrado – em sua área, e também se tornou mestre no mesmo período; ao meu companheiro Roberto Esteves de Almeida Ramos, que me incentivou e me deu forças quando tudo parecia estar saindo do controle, sempre dizendo que eu era capaz. Não posso deixar de agradecer aos amigos que fiz ao longo desse processo, especialmente a Tatiane Dreger Fernandes e Leonardo Cristian Martins, por compartilharem risadas, lágrimas, idas aos bares e futuros artigos que juramos em escrever. Agradeço aos meus professores, que sempre foram acolhedores e incentivadores, que me deram novas perspectivas quando achava minha pesquisa travada; aos membros do Filhos de Pandora, por terem paciência enquanto fazia a minha pesquisa e ao meu mestre Sérgio Bosco da Costa por acreditar que eu concluiria o mestrado, dizendo sempre que eu já agia como mestre, e ao meu eterno amigo Victor Nimer Gojlevicius que tenho certeza que está orgulhoso de mim, onde quer que esteja. A todos o meu muito obrigado.

*“A morte é um mistério que fascina e aterroriza,
mas o assassinato é um mistério que deve
ser desvendado.” – Agatha Christie.*

MACHADO, Iris Graziela Teles. **Assassinatos em série: uma análise antropológica no caso maníaco da cruz. 88fls.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2025.

RESUMO

Neste trabalho foi feita uma análise etnográfica digital do caso "Maníaco da Cruz", ocorrido em Mato Grosso do Sul, com o intuito de compreender as repercussões midiáticas que o referido caso teve, levando em consideração o comportamento virtual da população que consumia as notícias e como a mídia explorava o tema. Para isso, foram analisados jornais eletrônicos, comentários de comunidades, canais do *Youtube* e reportagens televisivas que abordaram o caso. Foi utilizada a ideia de Volumentos de Piette na dualidade de puro e impuro de Mary Douglas, bem como dos elementos ritualísticos de Durkheim. Assim, pôde-se compreender como o caso tornou-se relevante não apenas no período em que este ocorreu, mas também na atualidade, visto que, ainda continua a ter repercussão na mídia sul-mato-grossense.

Palavras-chave: Maníaco da Cruz. Ritual. *Serial killer*. Medo.

MACHADO, Iris Graziela Teles. **Serial murders: an anthropological analysis of the case of maniac of the cross. 88pp.** Dissertation (Master's Degree in Social Anthropology) – Graduate Program in Social Anthropology, Federal University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2025.

ABSTRACT

This study conducted an digital ethnographic analysis of the "Maníaco da Cruz" case, which occurred in Mato Grosso do Sul, with the aim of understanding the media repercussions that the case had, considering the virtual behavior of the population that consumed the news and how the media explored the topic. To this end, electronic newspapers, community comments, YouTube channels and television reports that addressed the case were analyzed. The idea of Piette's Volumentos in Mary Douglas's duality of pure and impure was used, as well as Durkheim's ritualistic elements. Thus, it was possible to understand how the case became relevant not only in the period in which it occurred, but also in the present day, since it continues to have repercussions in the media of Mato Grosso do Sul.

Keywords: Cross Maniac. Ritual. Serial killer. Fear.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Print da rede social Orkut.....	27
Figura 2 - Bilhete.....	29
Figura 3 - Reportagem do jornal Correio do Estado	30
Figura 4 - Reportagem do jornal Dourados Agora	33
Figura 5 - Reportagem do jornal Campo Grande News	33
Figura 6 - Reportagem do jornal Midiamax	34
Figura 7 - Reportagem do Portal Terra	39
Figura 8 - Comentário I	54
Figura 9 - Comentário II	54
Figura 10 - Comentário III	55
Figura 11 - Comentário IV	55
Figura 12 - Cartaz exibido no Programa Cidade Alerta.....	61

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
INRI	<i>Iêsus Nazarênus, Rêx Iŭdaeōrum</i>
MS	Mato Grosso do Sul
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
TV	Televisão
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNEI	Unidades Educacionais de Internação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CAPÍTULO I: CASO “MANÍACO DA CRUZ”	23
2.1 A PEQUENA CATIVANTE E UM ASSASSINO QUASE BRILHANTE.....	23
2.2 O CASO COMO HISTERIA COLETIVA	34
2.3 O RITUAL COMO SALVAÇÃO.....	41
3 CAPÍTULO II: ANALISANDO AS NOTÍCIAS	51
3.1 O FASCÍNIO PELAS NOTÍCIAS.....	51
3.2 A MORTE COMO UM ESPETÁCULO.....	56
3.3 O CASO TEATRALIZADO	59
4 CAPÍTULO III: UMA ANÁLISE MÍDIÁTICA	66
5 CAPÍTULO IV: CONSTRUINDO O PERFIL DO ASSASSINO EM SÉRIE	77
5.1 UM SER DE VÁRIOS VOLUMES.....	77
5.2 UM ABANDONO SOCIAL.....	79
6 CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS.....	92

1 INTRODUÇÃO

O caso Maníaco da Cruz, que aconteceu em 2008, na cidade de rio Brilhante no estado de Mato Grosso do Sul. Tornou-se fascinante pelos assassinatos terem sido realizados por um menor de idade e que demonstrava frieza, nas entrevistas que realizou quando foi descoberto que ele era o responsável pelos assassinatos. O caso teve bastante repercussão midiática, onde canais do *Youtube* e telejornais foram responsáveis pela disseminação de julgamentos, interesse e fascínio pelos menores detalhes do caso.

A presente dissertação propõe-se a analisar as repercussões midiáticas no âmbito regional de Mato Grosso do Sul (MS), e no Nacional, em pequena esfera, utilizando a ciberantropologia, onde utilizaremos canais de *Youtube*, reportagens, tanto reportagens televisivas, quanto de jornais eletrônicos, e comentários relacionados ao caso que foram retirados das reportagens, e de sites de *true crime*, tentando compreender como a figura do Maníaco da Cruz foi criada no imaginário digital.

De maneira geral tentarei compreender sob uma perspectiva antropológica, como a mídia contribuiu para a disseminação da atmosfera de medo e histeria que foi elaborada em volta de todo o imaginário que foi construído sobre o caso, além de uma interpretação de como a mídia pode ser utilizada como auxílio na disseminação de comportamentos e pensamentos.

Foram utilizados dois vídeos do *Youtube* para que fosse feita uma análise do comportamento dos apresentadores, seguindo uma abordagem de Clifford Geertz, onde uma análise mais densa será realizada, foi também utilizado um olhar de volumentos ao estilo de Pietti, para compreender as camadas que rodeiam o caso.

Utilizei os estudos de Segata e Suely Koffes para compreender e analisar os comentários que foram deixados nos vídeos e nos jornais eletrônicos e sites de *true crime*. Para compreender a dualidade do caso, utilizei Mary Douglas (Pureza e Perigo) e Durkheim, através de sua análise sobre tótem.

O caso Maníaco da Cruz, tem importância para o imaginário sul-mato-grossense, além de auxiliar na afirmação de comportamentos digitais, como as pessoas se sentem mais confiantes em expressar suas opiniões e julgamentos no âmbito digital do que pessoalmente, e como esse tipo de repercussão acaba favorecendo na criação de uma atmosfera caótica e histérica sobre a realidade cotidiana, não apenas no âmbito jurídico, e como as comunidades virtuais são uma ferramenta chave para a produção e consumo desse tipo de conteúdo.

A pesquisa contribui com a compreensão de novas formas de se fazer antropologia, que é o caso da ciberantropologia, pois o campo deste trabalho é totalmente virtual, pois os materiais que foram analisados foram retirados totalmente da esfera digital.

Além disso, utilizamos a ideia de espetacularização de conteúdos midiáticos e como casos criminais acabam sendo teatralizados para que se tornem conteúdo de massa e cultura popular., trazendo à tona reações afetivas (medo, fascínio, indignação, espanto), julgamentos morais e sociais, teorias -conspiratórias e religiosas- sobre o caso em questão.

Utilizei João Biehl, para fazer uma breve análise crítica sobre o sistema carcerário, e como o caso acaba sendo ainda mais complexo do que analisado a primeiro momento, juntamente com Foucault, fazendo um paralelo de sua análise do caso de Pierre Rivière, que embora seja novo, cometeu assassinatos brutais e não demonstrava arrependimento, inclusive detinha justificativas religiosas para ter feito o mesmo.

Trata-se do caso de um assassino em série que realizava seus atos naquele estado, e que chocou a população do interior, locais tidos como mais tranquilos e melhores para a vivência, foram assombrados pela história do Maníaco da Cruz. Para a análise, será utilizado Mary Douglas, para compreendermos a linha tênue entre pureza e perigo, Suely Koffes, para analisarmos as narrativas que foram construídas sobre o caso, juntamente com as análises de Segata, sobre os comentários e repercussões na internet.

O caso ocorreu na região sul do estado em uma cidade com pouco mais de 44 mil habitantes. Não é um dos menores municípios do Mato Grosso do Sul, mas, ainda assim, é considerada uma cidade pequena em comparação às cidades

autorreferentes: Campo Grande e Dourados. Compreender como o caso do Maníaco da cruz causa histeria coletiva no imaginário do sul mato-grossense, e como o fascínio e consumo por notícias de serias killers são amplamente consumidas em nossa sociedade.

Serão analisadas as consequências das notícias e as várias versões utilizadas, na construção da imagem do “*serial killer*”¹ sul mato-grossense, além de compreender o conceito de impureza que está impregnado.

O que chamou a atenção da população e disseminou o medo na cidade, foi a forma brutal e fria com que o indivíduo tratava suas vítimas. Ele as executava com frieza depois de ter feito um interrogatório e, após o assassinato, as deixava em posição de crucificação. Tais características únicas logo chamaram a atenção das autoridades locais, que começaram a traçar o perfil de quem poderia estar por trás de atos tão cruéis, para a surpresa de todos, quem cometia os crimes era um jovem.

Ao descobrirem que um adolescente, com 16 anos, era o autor dos crimes, a polícia buscou então compreender os motivos que levaram a cometer tais atos e para a surpresa de todos e indo contra o que todos acreditavam, ele não havia feito por estar envolvido com uma seita satânica e sim por motivações de purificação cristã. Para ele, a única forma de salvar essas pessoas, era através de um sacrifício, que deveria ser através da dor, que levaria as vítimas a morte, parecido com que foi empregado em Cristo.

As vítimas eram escolhidas por serem consideradas “impuras”. Depois de selecionadas, as vítimas eram abordadas e levadas para um local abandonado para que o interrogatório do *serial killer* pudesse começar, nesse interrogatório, ele fazia perguntas que, para ele, eram fundamentais para confirmar que a vítima era digna do ritual que se seguia, ou seja, se ela realmente precisava de purificação.

Ao longo deste trabalho vamos compreender os elementos que compõem o caso, assim como as suas consequências, que levaram a população do estado em questão de dualidade entre “pureza” e “impureza”, e o conceito de “purificação”.

¹ O termo *serial killer* é usado como categoria nativa, ou seja, é um termo usado pela população, e que será utilizado para melhor compreensão do tema.

Esmiuçarei o conceito de histeria coletiva de Raul Victor Rodrigues do Nascimento e levantarei hipóteses para que ela tenha acontecido, e qual tipo de histeria coletiva estou lidando neste caso e o que ela significa em todo o contexto.

Para isso, utilizarei a metodologia da narrativa de Suely Koffes, 2015, onde através de comentários feitos sobre o caso nas manchetes de jornais eletrônicos e canais do *Youtube*, nos dão indícios de qual perfil foi criado para este *serial killer*.

[...] Ao etnografar [...], usei falas cortadas de pessoas distintas para compor um discurso geral, mas tomei algumas delas com sua sequência narrativa singular como narrativa de vida. Assim, trechos de uma narrativa, compunham um discurso geral (como fato, informação, portanto), mas, quando recolocados com sua integralidade narrativa, compunham uma evocação, reflexão - embora seja preciso ressaltar que eu as considerei como contendo "fato" e "memória", tomando-as simultaneamente enquanto discurso e narrativa, ou enquanto discurso e história, evocação e informação. (KOFFES, 2015, p. 21).

Fica claro, que, para Koffes, a narrativa é tão importante quanto uma fonte escrita, para ela a narrativa é uma forma de interpretar o fato, e a memória é uma aliada para que essa reconstrução aconteça, já que a memória é o que construímos em volta das nossas internalizações sobre como o fato foi vivenciado.

Não podemos, entretanto, confundir fato e memória, pois a memória embora seja uma forma de construirmos a narrativa, ela carrega em si as interpretações e as particularidades de quem a transmite, enquanto o fato, podemos definir como aquilo que é lembrado por todos os indivíduos, ou seja, aquilo que todos tem em comum quando relatam suas memórias.

Utilizarei a ideia de volumes de Albert Piette, com a qual tentarei analisar as camadas criadas e compreendermos melhor quem é o autor do caso e como cada camada foi importante para a criação da histeria coletiva.

A palavra "volume" tem um alcance lexical interessante. É bastante revelador como uma forma de nos ajudar a observar. Um volume é antes de tudo um "rolo de pergaminho ou papiro contendo matéria escrita", todas as folhas reunidas por encadernação, "um único livro ou coleção de folhas impressas", um livro [OXF 10]. Rolar, enrolar e encadernar indicam algumas

maneiras de manter um volume unido e torná-lo uma unidade. Folhas soltas, folhas encadernadas e textos são o conteúdo de um volume (PIETTE, 2018, p.1)

Volume pode ser compreendido como as várias fases que temos ao longo de nossas existências e como essas faces vão sendo interligadas e moldando o que somos, e como nenhuma delas apaga a anterior, ela só a substitui. Com esse pensamento podemos compreender que cada volume, está ligado a uma fase que passamos e como nos desenvolvemos ao longo dos anos.

[...] segundo a etimologia da palavra “volume”, o verbo *volvere* indica um movimento e certas ações: rolar, fazer rolar, deixar o tempo passar, mas também mexer no coração e meditar na mente. [...] (PIETTE, 2018, p. 1)

Assim, é possível compreender que dentro de uma mesma pessoa, temos várias camadas, que se apresentam de acordo com a situação em que ela se encontra, mas que isso não deve ser entendida como algo ruim, ou que anule as camadas que não estão sendo usadas no momento.

De acordo com esta ideia, compreende-se que cada vez que avançamos no caso, o compreendemos de uma nova maneira, mas que em todas as vezes este caso torna-se cada vez mais fascinante, pois não existe apenas uma forma de olhar para ele.

O indivíduo é um ser composto por camadas, que compõem estágios que tornam se cada vez mais complexos. Utilizaremos esta estratégia para analisarmos o comportamento do *serial killer* nas entrevistas dadas aos noticiários da época. Estes comportamentos foram importantes para que a construção que perfil midiático deste *serial killer* fosse traçado pela imprensa brasileira e pela população do estado de Mato Grosso do Sul.

Utilizarei como base os estudo realizado por Piette, no qual ele grava a si mesmo por um período de 12 horas e analisa seu próprio comportamento ao longo do vídeo. Com isso poderemos identificar elementos que passariam despercebidos nos jornais que narram o caso, e nos canais de *Youtube* em como os apresentadores constroem a sua narrativa, tentando identificar as suas

intencionalidades, além disso poderemos compreender também alguns comportamentos tidos pelo *serial killer*, nas poucas entrevistas que ele deu.

Todas essas intencionalidades estão contidas nos vários volumentes presentes no indivíduo. Poderemos observar em como esses volumes se intercalam ao longo destes comportamentos, que serão analisados.

Utilizarei, além da antropologia, outras linhas de pesquisa, que nos auxiliarão na compreensão do caso e na elaboração da pesquisa, para isso nos aliaremos ao direito e à psicologia, para tentarmos explicar alguns fenômenos da melhor forma possível.

Através destes conceitos, utilizarei João Biehl e Foucault para compreender os processos de esquecimento e cárcere que ocorrem em nossa sociedade, e como os aceitamos de forma tão livre, que muitas das vezes nem se quer questionamos no nosso dia a dia. Apenas aceitamos que as coisas ocorrem da forma como ocorrem, sem nem ao menos pensarmos numa solução, mais humana da questão.

Vita is the end-station on the road of poverty; it is the place where living beings go when they are no longer considered people. Excluded from family life and medical care, most of the two hundred people in Vita's infirmary at that time had no formal identification and lived in a state of object abandonment that had acquired a haunting stillness. (BIEHL, 2013, p.2)

Neste pequeno trecho Biehl, traduz bem as inquietações que temos sobre o sistema penitenciário em si, pois, assim como o Vita², este local seria um depósito, destinado àqueles que não se encaixam mais na sociedade, e por isso precisam destes locais destinos, pois a vivência delas em si não é mais viável.

Analisarei a repercussão social que o caso trouxe para a sociedade e como a mídia sul-mato-grossense foi responsável pelo perfil criado e como isso afeta a vida da população da cidade onde os crimes foram cometidos.

Desse modo, compreendi o que a população acha sobre o ocorrido, e o porquê desse medo desenfreado sobre o caso em questão, que faz com que muitas

² Vita é a parada final no caminho da pobreza; é o lugar para onde vão os seres vivos quando não são mais considerados pessoas. Excluídas da vida familiar e dos cuidados médicos, as duas pessoas que estavam na enfermaria do Vita naquela época, não tinham identificação formal e viviam num estado de abandono objeto que adquiria uma quietude assustadora. (BIEHL, 2013, p.2)

pessoas retornem sempre a ele em busca de soluções e repostas, que muitas vezes não chegaram.

Com os antropólogos clássicos –Durkheim e Mary Douglas-, entenderemos as noções de pureza, tabu e religiosidade que estão presentes no caso, levando em consideração algumas passagens bíblicas para complementar os pensamentos e exemplificar as discussões que serão iniciadas.

Ao longo deste trabalho, traçarei uma linha da seguinte forma, primeiro entendendo como o caso ocorreu e as possíveis conjecturas que levaram que o *serial killer* a cometer seus assassinatos, para isso é preciso entender as noções de impureza e de tabu levantadas para Douglas e Durkheim, para compreender quais eram as possíveis compreensões de impureza pelo menos, levando em consideração as suas motivações religiosas.

Os ritos mais bárbaros ou mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto de vida, quer individual, quer social. As razões que o fiel dá a si próprio para justificá-las podem ser, e são realmente no mais das vezes, falsas; as razões verdadeiras existem, não obstante; cabe à ciência descobri-las. (DURKHEIM, 1989, p.30)

Os ritos e os mitos, para Durkheim, são pontos importantes para a compreensão dos aspectos humanos, pois são através deles que ressignificamos o que vivenciamos e externalizamos o que consideramos importantes, e que representam as nossas essências. Logo compreende-se as intenções de Durkheim, pois, para ele, quanto mais bárbaro, ou seja, quanto mais cruel for o rito for, mais razões encontraremos para que tais atos tenham sido cometidos, e ele prossegue:

Não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana. (DURKHEIM, 1989, p. 31)

Desta forma, Durkheim compreende que o rito e o ato religioso, são imprescindíveis para que os indivíduos que realizam essas práticas, possam

compreender o mundo ao seu redor, e compreender assim o seu local naquele grupo, mesmo que para quem observa de fora não faça sentido.

Ele propõe ainda, que para entendermos como esses comportamentos acontecem, que voltemos e compreendamos os fatores e os contextos históricos em que estão inseridos, para que assim estes ritos façam sentido, ou, pelo menos, sejam menos estranhos para o pesquisador.

Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos deve, necessariamente, haver certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, apesar da diversidade das formas que umas e outras puderam assumir, apresentem, por toda parte, o mesmo significado objetivo e também, por toda parte, exercem as mesmas funções. São esses elementos permanentes que constituem o que existe de eterno e de humano na religião. (DURKHEIM, 1989, p. 33)

Traçarei ainda um paralelo entre magia e religião, para compreender quais são as sutis diferenças das mesmas e como este ritual elaborado por ele pode ser tem como finalidade a purificação social, e para isso, compreenderemos o que é impuro para ele.

Para nós os objetos e os lugares sagrados devem ser protegidos das impurezas. O sagrado e o impuro são polos opostos. Não podemos confundi-los, como não poderíamos confundir a fome com a saciedade, o sono com a vigília e, contudo, parece que é característico das religiões primitivas não distinguir claramente o sagrado do impuro. (DOUGLAS, 1966, p.10)

Neste contexto, percebemos que embora tênue a linha em que traçamos a pureza e a impureza, um não existiria sem a outra, pois, se nós somos capazes de identificar um, é porque compreendemos o que o outro representa, logo sagrado e profano é além de uma percepção quanto uma construção social, pois surge de acordo com os entendimentos de um grupo de indivíduos.

Não podemos esquecer, porém, que a religião é uma instituição humana, e que por isso, ela deve ter a sua importância reconhecida, porque seria impossível traçar um paralelo e encontrar de onde a mesma começou.

Como toda instituição humana, a religião não começa em parte alguma. Por isso, todas as especulações desse tipo são justamente desacreditadas; não podem consistir senão em construções subjetivas e arbitrárias que não toleram nenhuma espécie de verificação. (DURKHEIM, 1989, p. 36)

Quando Durkheim diz que a religião não tolera nenhuma espécie de verificação, ele automaticamente declara que nenhuma religião deve ser questionada, pois não sabemos se num passado a que seguimos não estaria cometendo os mesmos atos, ou até mesmo quem sabe num futuro não viria a cometer.

Analisarei ainda, as manchetes dos jornais eletrônicos para compreendermos o papel da mídia sul-mato-grossense na formação da histeria coletiva que o caso causou. Para isso, usaremos não apenas as matérias escritas, mas também as entrevistas que ele deu quando estava sendo preso, e a forma como os apresentadores de jornais policiais falam e agem quando descrevem o caso.

Discutiremos a interpretação de canais do *Youtube* sobre o caso, e como eles são de extrema importância para a informação da população na atualidade sobre o caso, já que eles utilizam de reportagens antigas e novas sobre o *serial killer*, para expor o caso, e até mesmo trazer atualizações sobre ele.

Discutirei como esta exposição midiática pode ser utilizada para compreender o caso cientificamente, já que compartilham informações sobre ele em diversos formatos, e que podem ser utilizados para compreender as intenções por trás desta cobertura.

A vinheta de abertura do telejornal na versão de 2004 sugere e antecipa que tipo de programação o telespectador vai encontrar. Com uma duração de 10 segundos, ela começa com um voo rasante do helicóptero Águia Dourada sobre a cidade de São Paulo, para dar o tom de agilidade do programa; em seguida, é mostrada a imagem por terra da metrópole, com um trânsito denso, engarrafado. Nesse momento, aparece a imagem de uma *motolink* com uma equipe do programa, reforçando o caráter de agilidade na cobertura das notícias, pois o equipamento está apto para fugir dos engarrafamentos e chegar ao local das notícias com rapidez. Um tom de alerta, tensão e emergência, é acrescentado à vinheta com o som de

uma sirene de polícia, e na sequência das imagens, aparece uma viatura da polícia em operação, mostrando ao lado uma *motolink*, sugerindo que o telejornal estará onde a polícia estiver, perseguindo os “criminosos”. (OLIVEIRA, p. 122 e 123)

Todos estes elementos associados, demonstram que a tensão e o medo são colocados desde a abertura deste tipo de conteúdo como forma de criar o clima, no qual as notícias estarão incorporadas, e como isso legitimar o tipo da programação e preparar os telespectadores para a sequência de notícias e agilidade em que serão abordadas e dramatizadas, para melhor efeito televisivo, tudo buscando uma maior comoção daqueles assistirão.

Tudo no programa tem uma intencionalidade, e o medo causado nos telespectadores é proposital e é justamente esse medo que fará com que essas pessoas retornem sua atenção para o programa no dia seguinte, pois eles acabem se tornando reféns deste tipo de conteúdo, e se sentem pressionados a consumirem cada vez mais, e mais, pois essa é a única saída para que mantenham-se informados sobre a chama que alimenta os seus medos.

Esta tensão é recorrente da influência que a mídia causa nas pessoas que são público-alvo deste tipo de programação, elas têm sempre o seu medo instaurado e tenta manter o público sobre controle, através deste medo.

Numa análise posterior no último capítulo traremos as interpretações de pessoas que ouviram sobre o caso e os comentários da população da cidade onde o caso ocorreu. Mas também traremos as interpretações de *youtubers* em sua contação sobre o caso, para que assim compreendamos o porquê de o caso ainda ser narrado de forma tão ávida.

Ao longo deste trabalho passaremos pelos antropólogos clássicos e utilizaremos até dos contemporâneos, que utilizam a internet como forma de criar etnografia, como é o caso de Segata, que estudou os laços globais presentes no Orkut e como esses laços afetam o comportamento e o cotidiano das pessoas.

“O local faz o laço”. Esta sugestão de Michel Maffesoli (2004) inspira não apenas esta primeira parte desta etnografia, mas de modo mais amplo, é o argumento central da reflexão que faço sobre uma rede como o *Orkut*,

com amplitudes globais e a cidade de Lontras, como um espaço bastante local, em parte, constituído e constituidor do *Orkut*. (SEGATA, 2007, p.26)

Assim, será possível compreender como as comunidades que consomem esse tipo de notícias, acabam se tornando locais de laços entre os seus consumidores, pois as pessoas que ali estão inseridas, acabam com a alusão de pertencimento do meio. Logo temos a criação de uma comunidade.

Segata descreve esses laços através da análise de uma rede social, o *Orkut*, onde as pessoas se dividiam em comunidades, que eram fóruns de discussão, onde poderiam interagir e gerenciar suas interações com outras pessoas que possuíam gostos similares aos seus.

Desta forma passaremos desde a análise do caso, até as interpretações das pessoas que tiveram contato com o caso, mesmo que apenas através da mídia e finalizaremos traçando um perfil para esse *serial killer* e discutiremos como esse perfil foi construído.

Ressaltamos assim a importância do estudo desse caso em questão, pois ele é um caso local, e crescem os casos como esses que estão sendo estudados e como o caso de Suzane Von Richthofen, que vem sendo discutido, como acontece no estudo de Thaís dos Santos Carneiro e Lucio Mauro Braga Machado, que discutem os desdobramentos do caso na psicologia e usam o caso para compreender as ligações com o direto, cito o caso, pois assim como o caso do Maníaco da Cruz, Suzane passou por análise psicológica, o que a impediu de regressar a sociedade.

Outro caso que é estudado e até mais próximo do caso que estudaremos é o “Champinha”, onde assim como o “Maníaco da Cruz”, ele também era menor de idade quando os crimes foram cometidos e acabaram sendo condenados a cumprir a internação, que dentro das medidas socioeducativas, é o ato mais radical que se pode colocar para um menor de idade, sendo aplicado em casos considerados extremos.

O estudo que utilizei como referência foi “A Multidisciplinaridade Entre Direito e Psicologia na Repressão de Atos Infracionais: Um Estudo Teórico do Caso

“Champinha”, de Fernanda de Vargas, Lisiane dos Santos Welter, Hellin Thais Steffler e Henrique Corrêa da Silva, onde fazem um apanhado, não apenas do caso “Champinha”, mas também analisam como os casos envolvendo menores de idade tem aumentado no Brasil.

2 CAPÍTULO I: CASO “MANÍACO DA CRUZ”

2.1 A PEQUENA CATIVANTE E UM ASSASSINO QUASE BRILHANTE

Rio Brilhante é uma cidade do interior de Mato Grosso do Sul, que fica a 161 km da capital do estado é uma típica cidade interiorana. Não muito movimentada e pacata é a cidade para quem quer fugir do agito de uma cidade grande.

A cidade tem ar de histórica, pois com seus 89 anos de emancipação, a cidade conta com a retomada da fronteira e com a chegada dos gaúchos com o incentivo do governo na década de 1980.

No site consta ainda o relato de várias famílias que são empreendedoras e que fizeram parte do crescimento da cidade de Rio Brilhante e consequentemente, para a modelagem da cidade como a conhecemos atualmente.

De acordo com o site da prefeitura de Rio Brilhante, embora seja uma cidade do interior e relativamente nova no Estado, Rio Brilhante tem demonstrado grande destaque na questão turística, principalmente na pesca em seus rios, o que é algo a se considerar bem normal, já que a cidade foi fundada no encontro de 2 rios, sendo eles Rio Brilhante e Rio Vacaria. Esses rios no passado eram navegáveis, e foram uma forma muito importante de acesso para a região, principalmente para acessar as cidades de Dourados, Itaporã, Maracaju, Douradina e Angélica.

As pescarias no rio Brilhante são bem populares, já que neste rio temos vários testemunhos de pintados, encontramos inclusive com bastante facilidade vários vídeos onde pescadores se vangloriam dos peixes pescados no local, inclusive na cidade existem algumas lojas especializadas em artigos de pesca.

No site da prefeitura de Rio Brilhante, além de algumas informações demográficas sobre o município, temos também informações sobre a geografia da cidade, além disso temos uma síntese das atividades econômicas da mesma divididas de acordo com as décadas.

- Década de 40: concentração de atividade madeireira e pecuária.
- Década de 60: predomínio da atividade pecuária.

- Década de 70: introdução da agricultura com a chegada dos paulistas, mineiros, paranaenses e gaúchos no município.
- Década de 80: grande empreendimento industrial no município com a chegada da primeira usina de álcool.
- Década de 90: o grande crescimento do cultivo de arroz irrigado tornando o município capital do arroz irrigado.
- Hoje importante polo de concentração agroindustrial de Usina Sucroalcooleira no Estado de Mato Grosso do Sul. (Disponível em: <https://riobrilhante.ms.gov.br/aspectos-geograficos/>)

Quando analisamos as informações destacadas no site da prefeitura, logo entende-se que a cidade busca uma forma de legitimar as suas mudanças e criar o perfil de uma cidade do interior que está em expansão, logo cria-se o slogan de “a pequena cativante”. Que remete a uma cidade que embora interiorana, tem muito a oferecer, logo que quem a conhecer acabará se cativando com a simplicidade da vida neste local.

A prefeitura ainda dispõe de um pequeno contexto histórico de como a cidade surgiu e como ela se configurou nos moldes atuais.

O desbravamento das terras que atualmente compreendem o Município de Rio Brilhante Estado de Mato Grosso do Sul, está intimamente ligado história de Paranaíba, pois, na terceira década do século XIX, os pioneiros das famílias Lopes, Souza Leal, Pereira, Garcia e Barbosa atravessaram os campos daquela região e entraram pelos cerrados de Três Lagoas, iniciando a história do povoamento do sul do Estado. [...]

[...] Pela Lei Estadual Nº 3876, de 16 de junho de 1977, é criado o Distrito de nova Alvorada e incorporado ao Município de Rio Brilhante. Pela Lei Estadual Nº 3877, de 16-06-1977, o Distrito de Aroeira passou a denominar-se Prudêncio Thomaz. Em divisão territorial datada de 01 de janeiro de 1979, o município é constituído de 3 Distritos: Rio Brilhante, Aroeira e Nova Alvorada. Em divisão territorial datada de 15 de julho de 1997, o município é constituído de 2 Distritos: Rio Brilhante e Prudêncio Thomaz. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 15 de julho de 1999.[.] (Disponível em: <https://riobrilhante.ms.gov.br/aspectos-geograficos/>)

Criando assim, a réplica perfeita para tornar-se convidativa e fazer jus às tentativas de cativar e incentivar o turismo na região, já que a cidade gabasse de ter água em abundância, e ser o local de várias nascentes de rios que são importantes para agricultura local, e abastecimento hídrico.

A cidade, porém, ficou bem conhecida em 2009, mas não pelos esforços da prefeitura na divulgação dela, mas por uma série de assassinatos, onde não havia pistas de quem estava cometendo-os.

Rio Brilhante era uma cidade pacífica e monótona, até que no dia dois de julho de 2008, a cidade amanheceu sombria, pois aquele foi o dia escolhido pelo que viria a ser um assassino em série para ceifar a sua primeira vítima, que era nada mais nada menos que seu próprio vizinho, um homem de 33 anos que foi escolhido por ser alcoólatra e homossexual.

O pânico e o terror tomaram conta da cidade quando descobriram que este homem, de apenas 33 anos, havia sido assassinado e o paradeiro de quem havia feito isso, era incerto. Mas uma coisa era certa, aquele assassinato misterioso havia trazido algo que a cidade não experimentava a muito tempo, medo e incerteza. As investigações começaram assim que o corpo foi encontrado e a insegurança na cidade começou a tomar o lugar da tranquilidade que outrora havia reinado nas ruas daquela que é conhecida como “pequena cativante”.

Embora a polícia tenha descoberto como a vítima havia sido assassinada, não havia nada na cena do crime que ligasse ela ao culpado, e pergunta que pairava na cidade era: “quem seria capaz de ter cometido tamanha atrocidade? Seria um forasteiro? Alguém da própria cidade?”; e o mais importante o porquê de cometer tal ato.

Essas perguntas ficaram em suspenso por um pouco mais de um mês, quando no dia 24 de agosto um segundo corpo foi encontrado, mas desta vez foi o corpo de uma jovem de 22 anos que foi encontrado, ela estava nua em posição de cruz e havia sinais de luta corporal. A jovem foi encontrada em cima de uma lápide do cemitério que ficava na mesma rua de sua casa, numa distância de 400 metros.

De acordo com o jornal O Pantaneiro, a polícia de Rio Brilhante na época começava a suspeitar que este segundo caso tivesse algum tipo de ligação com o primeiro.

Há 30 dias, ocorreu um crime semelhante no mesmo município (leia matéria). Na ocasião, Catalino Gardena, 30 anos, foi encontrado morto em um terreno baldio na Rua Mohamed, ele apresentava a inscrição INRI (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus) feita à faca no peito.

O perito Jean Kleber, de Dourados, informou que todas as hipóteses acerca deste crime serão investigadas, inclusive se há relação com o anterior. Na casa da vítima há sinais de luta corporal.

(O Pantaneiro, disponível em:
<https://www.opantaneiro.com.br/policial/mulher-e-encontrada-morta-em-cemiterio-suspeita-de-ritual-macabro/75314/>)

Essa notícia, publicada em 25 de agosto de 2008, conta que um novo corpo havia sido encontrado em Rio Brilhante, e que apresentava aspectos parecidos com o primeiro, pois ambos os corpos estavam nus e em posição de crucificação. A única diferença entre eles era: o primeiro corpo havia uma escrita a faca em seu peito a expressão INRI³, já o segundo apresentava sinais de luta corporal.

A cidade ficou em estado de alerta novamente, pois o que até então parecia ser um caso isolado, acabou se repetindo e o mais impressionante, novamente não havia sinais de quem havia cometido tais atos, o que tornava tudo ainda mais incerto.

No dia três de outubro do mesmo ano, quando uma nova vítima foi encontrada sem vida. Neste novo caso uma adolescente de apenas 13 anos foi encontrada morta, seminua e em posição de cruz, desta vez o corpo foi encontrado em um terreno baldio e com um bilhete ao seu lado, que dizia “morto não responde aos recados”.

Entretanto, quem havia cometido tais atos parecia não ter deixado vestígios suficientes para que a polícia de Rio Brilhante conseguisse localizar seu paradeiro,

³ INRI, acônito em latim *Iēsus Nazarēnus, Rēx Iūdaeōrum*, que significa “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”.

foi apenas quando sua próxima vítima conseguiu escapar que a polícia teve pistas para conseguir rastrear que era o executor de os assassinatos.

Foi através da antiga rede social *Orkut* (Figura 1) que a polícia conseguiu encontrar o responsável pelos três assassinatos na cidade. Os investigadores conseguiram encontrar um amigo em comum entre a vítima que havia escapado e a última vítima, uma adolescente de 13 anos.

Figura 1 - Print da rede social *Orkut*.



Fonte: https://aminoapps.com/c/terroramino_pt/page/item/dionathancelestrino/z63R_Xe4HwIYn5Bo8MbNBpqwmwevQaaJKrY

De acordo com o site *Terror: under the Bed*, foi através deste depoimento que os investigadores da polícia de Rio Brilhante começaram a investigar o perfil de “Ravenmort”, onde no perfil dele constava os seguintes grupos Eu adoro cadáveres; Necrofilia; Eu LAMBO meu sangue; Cemitério minha segunda casa; Um soco vale + q 1000 palavras; Morte às góticas vadias; Sorrir deforma o rosto; Eu não tenho medo do seu Deus.

Apenas essas comunidades não eram provas o suficiente para que o dono do perfil fosse intimado, mas foi através do auxílio de uma vítima que conseguiram ter certeza de quem era o responsável. A vítima em questão relatou em depoimento para a polícia de Rio Brilhante que havia sido abordada pelo “Maníaco da Cruz”, depois que saiu de um show na cidade, e que um rapaz que tinha aparentemente a mesma idade que ela, a abordou e a conduziu para uma construção abandonada na mesma rua.

“A Entrevista”.

Estranho: Você acredita em Deus?

Carla: Sim

Estranho: Você é virgem?

Carla: Sim.

Estranho: Quantos namorados já teve?

Carla: Nenhum.

Estranho: Qual sua opção sexual?

Carla: Sou heterossexual.

Enquanto era entrevistada, pelo estranho homem, o celular de Carla não parava de tocar, era sua mãe, desesperada em busca de informações sobre a filha. Em dado momento, o estranho disse: “Você deve ser amada por sua família”.

“Sim, muito”, respondeu Carla.

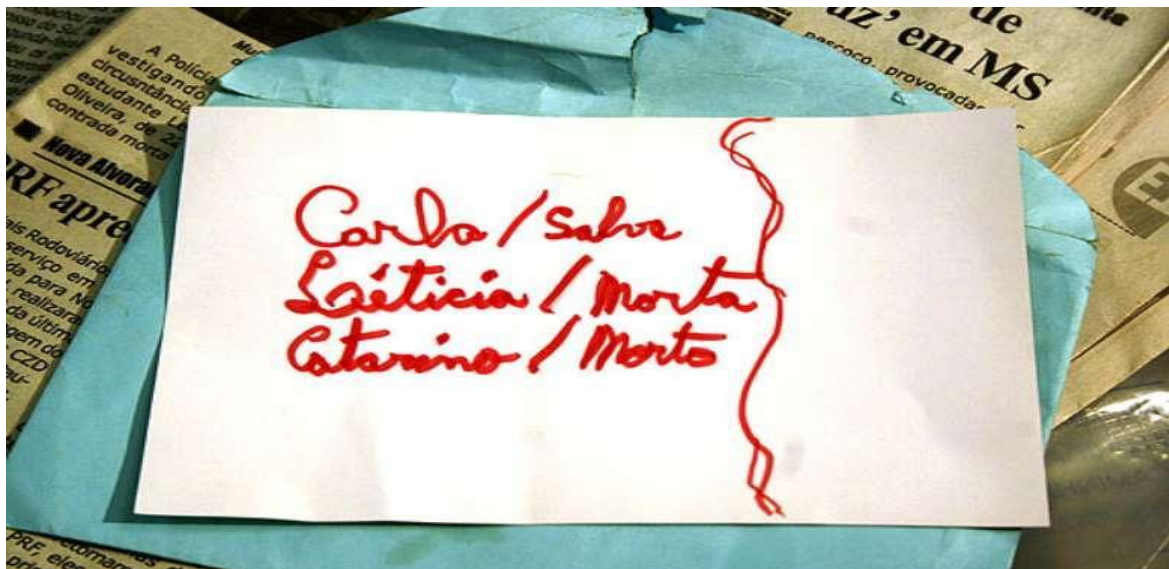
Depois de mais de duas horas de entrevista o estranho homem disse: “Você é realmente ingênua. Saí para matar uma vadia e encontrei você. Você está livre.” (Disponível em: https://aminoapps.com/c/terroramino_pt/page/item/dionathan-celestrino/z63R_Xe4HwIYn5Bo8MbNBpqwmwevQaaJKrY)

Após juntarem as evidências coletadas no *Orkut* no perfil do Ravenmort, com esse depoimento da única vítima que foi “salva”, que conseguiram rastrear e descobrir quem era o responsável pela série de assassinatos que causava terror na população. O que causou mais espanto nos interioranos, foi o fato do responsável pelos crimes ser um adolescente de 16 anos.

Foram levantadas várias hipóteses de quais foram as intenções, para que um adolescente de 16 anos cometesse tais atos, mas foi apenas com a prisão do menor juntamente com a sua vítima que sobreviveu, que conseguiram começar a compreender as suas reais intenções e se ele havia agido sozinho ou com ajuda de mais pessoas.

Descobrir onde o até então intitulado Maníaco da Cruz morava não foi tarefa difícil para a polícia, chegando em sua casa onde ele foi detido, encontraram pertences das vítimas que foram mortas e um bilhete (Figura 2) onde constava os nomes das vítimas e na frente se elas estavam salvas ou mortas.

Figura 2 – Bilhete.



Fonte: Edemir Rodrigues / Divulgação: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/ms-maniaco-da-cruz-foge-de-unidade-de-internacao,3103c7ca6813d310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>

Com essa prova, o menor foi encaminhado para a UNEI, onde ficaria até que fosse feito o seu julgamento. Quando foi questionado, ele confessou seu envolvimento com os crimes e dizia que não se arrependia do que havia feito.

Depois que sua medida socioeducativa foi decretada, o “Maníaco da Cruz” ficou detido na UNEI, onde deveria permanecer até que completasse 18 anos, já que ele não poderia ficar mais tempo em medida socioeducativa, pois seus crimes haviam sido cometidos enquanto ele era menor.

Os amigos do adolescente acabaram sendo investigados juntamente com ele, mas acabaram sendo inocentados por não terem envolvimento com os assassinatos, porém foi provado através das mensagens trocadas pela rede social Orkut, que eles sabiam dos crimes.

Saiu em uma reportagem do jornal Correio do Estado (Figura 3) falando sobre o envolvimento dos mesmo com o Maníaco da Cruz, dizendo inclusive, que todos esses adolescentes, tinham um culto ocultista/satânico, onde o Maníaco era o líder, e que todos eles faziam rituais onde mantinham relações sexuais.

Figura 3 – Reportagem do jornal Correio do Estado.

CIDADES

Justiça libera amigos do maníaco da cruz

Justiça libera amigos do maníaco da cruz



REDAÇÃO
28/12/2008 - 22h00



A Justiça de Rio Brilhante indeferiu o pedido de internação dos cinco amigos do adolescente de 16 anos conhecido como "maníaco da cruz", acusado de matar três pessoas em Rio Brilhante, em um dos casos policiais mais marcantes deste ano em Mato Grosso do Sul. O inquérito conduzido pela Delegacia Especializada de Atendimento a Infância e Juventude (Deaij), de Campo Grande, pedia a apreensão dos menores, que confessaram ter conhecimento sobre os crimes cometidos pelo líder do grupo ? uma seita criada pelo acusado que pregava a adoração ao demônio e visitas a cemitérios.

Fonte: <https://correiodoestado.com.br/cidades/justica-libera-amigos-do-maniaco-da-cruz/44694/>

Nesta reportagem, percebemos que a polícia tinha uma preocupação de que o “Maníaco da Cruz” não tivesse agido sozinho e que seus amigos pudessem vir a continuar com seus assassinatos. Entretanto, a população não aceitava a ideia de que ele ficaria livre, pois tinha medo de que se ele fosse livre voltasse a cometer seus assassinatos em série.

“Tenho receio sim porque esse cara era bandido e não sei se recuperou, mas acredito que não. Acho que sua volta vai causar revolta principalmente nas famílias das vítimas. A cidade era pacata até então, mas depois disso mudou tudo”, garantiu um comerciante de 42 anos. Uma vendedora, de 27 anos, disse que viu o maníaco algumas vezes na região

comercial da cidade, mas revelou que se voltasse a vê-lo não chegaria nem perto dele. Uma outra vendedora, de 25 anos, disse que o assassino em série já deixou bem claro que não se arrepende e que voltará a matar. “Ele é um psicopata”, resumiu. (Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/populacao-teme-volta-do-maniaco-da-cruz/126533/>)

A população demonstrava muita apreensão à saída dele, já que por lei, ele acabaria sendo liberado após completar 18 anos, isso tornou a atmosfera da cidade um caos novamente, com vários de seus moradores relatando que não se sentiriam seguros caso ele voltasse para a cidade, e que embora a sua mãe ter mudado de cidade, era o local provável para onde ele voltaria.

“Tem uns 15 dias que a gente só fala nisso. Antes eu saía sexta, sábado e domingo para ir em festas e na praça, mas agora já avisei aos meus amigos que não vou sair mais de casa”, garantiu uma atendente de 23 anos. A jovem disse que todos em Rio Brilhante estão com medo, mas acredita que se ele voltar os moradores farão uma verdadeira “caça ao maníaco”. A atendente comentou ainda que se preocupa porque mora sozinha e porque soube que o autor ameaçou matar a própria mãe e tia. “Todo mundo só fala disso e eu mesma estou apavorada”, garantiu.

A histeria estava sendo instaurada, e quanto mais perto chegava a hora dele voltar a liberdade, mais em pânico a população da cidade de Rio Brilhante ficava, a ponto de até cogitarem um abaixo assinado, para que ele não pudesse morar na cidade novamente, pensando na segurança dos moradores dela. “Ele não deveria ser solto nunca. Não sou a favor de matar ninguém, mas alguém deveria matá-lo na porta da Unei. Ele não matou pessoas inocentes porque eram impuras? Então por que não começou matando a mãe dele que teve três ou quatro maridos?”, questionou uma empresária de 28 anos, garantindo que exceto a mãe do maníaco, ninguém mais quer que ele volte para as ruas.

“Os moradores irão se revoltar se ele voltar porque se a Justiça não faz por ela, o ser humano faz por si próprio”, comentou, revelando que as pessoas só levam uma vida normal porque a ameaça está presa. (Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/populacao-teme-volta-do-maniaco-da-cruz/126533/>)

Esta reportagem mostra, que a população de Rio Brilhante estava cogitando ir até as últimas consequências, para que ele não voltasse para a cidade, inclusive cogitavam um possível assassiná-lo, tendo como justificativa, que apenas com a ausência dele, que a população local conseguiria continuar com a sua vida de forma tranquila.

O mesmo, entretanto, não voltou a liberdade e no ano de 2011 fugiu da UNEI, o que causou não só o caos e histeria na cidade de Rio Brilhante, mas também em todo o Estado de Mato Grosso do Sul, já que supostamente ele havia fugido de sua internação para continuar com seus assassinatos, só que desta vez por todo o estado, pelo menos era essa a especulação da população.

Uma ação conjunta da polícia brasileira com a paraguaia foi feita, tendo em vista que segundo especulações o “Maníaco” teria fugido para o Paraguai, onde de fato alguns dias após o início das buscas ele foi encontrado e encaminhado para o presídio de segurança máxima do estado que fica localizado em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, logo após ficar internado na ala psiquiátrica em Ponta Porã.

D.C., de 21 anos, conhecido com Maníaco da Cruz, foi transferido na manhã de ontem (09) da Santa Casa de Campo Grande para o Presídio de Segurança Máxima. A informação foi confirmada pela assessoria de comunicação do hospital.

Depois de ficar 66 dias na unidade de saúde, o Maníaco foi levado para o presídio por determinação do juiz da 1ª vara Civil de Ponta Porã, Adriano da Rosa Bastos, que estabeleceu prazo de 24 horas para a transferência.

Ele ficará na ala de saúde da penitenciária, onde receberá tratamento psicológico e psiquiátrico oferecido pela Secretária de Saúde do Estado. A equipe médica encaminhará relatório bimestral ao magistrado, durante um ano. (Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/maniaco-da-cruz-vai-para-ala-de-saude-da-maxima/187596/>)

Na penitenciária de Campo Grande, ele está sendo mantido desde 2013 até o momento na ala psiquiátrica, onde passa por testes psicológicos, que testaram as condições do mesmo ser reinserido em sociedade, o que até o ano de 2024 não

ocorreu, devido ao seu histórico violento com outros detentos e com agentes penitenciários (Figuras 4, 5 e 6).

Figura 4 – Reportagem do jornal Dourados Agora.

'Maníaco da cruz' agride agente penitenciário com socos no rosto

Cidades | 27/09/2023 às 08:39

Fonte: <https://douradosagora.com.br/noticias/cidades/maniaco-da-cruz-agride-agente-penitenciario-com-socos-no-rosto>

Figura 5 – Reportagem do jornal Campo Grande News.

Capital

Presença de Maníaco incomoda e ele ficará em ala isolada do Instituto Penal

Elverson Cardozo | 10/07/2013 17:24

Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/presenca-de-maniaco-incomoda-e-ele-ficara-em-ala-isolada-do-instituto-penal>

Figura 6 – Reportagem do jornal Midiamax.

‘Maníaco da Cruz’ tem surto e fere agente penitenciário com lança artesanal

Rapaz foi detido no IPCG depois de ter agredido agentes

Arquivo – 21/09/2015 – 01:06

Campo Grande

Fonte: <https://midiamax.uol.com.br/policia/2015/maniaco-da-cruz-tem-surto-e-fere-agente-penitenciario-com-lanca-artesanal/>

2.2 O CASO COMO HISTERIA COLETIVA

Segundo Freud, no livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu* de 1921, ele analisa que alguns comportamentos são frenéticos e compulsórios e podem estar ligados ao comportamento em massa, onde desde que um indivíduo está inserido em um determinado grupo, ele não conseguirá pensar ou agir a não ser na forma como o grupo está agindo, pois, a histeria está intimamente ligada a empatia humana.

Entretanto, Freud não utiliza o termo histeria coletiva em seu livro, mas sim como “infecção mental”, ou ainda como “identificação pelo desejo”. Ele utiliza de um caso que ocorreu em um internato de feminino, onde a maioria delas adquiriu um comportamento histérico, quando uma recebeu uma carta de amor, “imitando” o comportamento daquela que havia sido presenteada.

A histeria está diretamente ligada ao tabu, pois ambas surgem para justificar o que é visto como impuro e incorreto. Mas precisamos definir o que é tabu para que possamos dar continuidade na discussão até aqui elencada, para compreender o que essa palavra significa, retornarei nas definições de totem e tabu, onde a origem destas palavras está intimamente ligada ao conceito de magia.

Para Durkheim, magia pode ser definida como toda idealização e manifestação de um desejo, ou seja, ela torna real o que realmente desejamos, por isso não pode ser mensurada e nem explicada de forma clara, mas sentida, ou se acredita em magia ou não.

A magia foi durante muito tempo utilizada como justificativa para tudo aquilo que fugia do controle do cotidiano, ela era utilizada para justificar a improbabilidade, ou as ínfimas possibilidades de algo acontecer e por um tempo foi atrelada ao conceito de tabu.

Tabu embora seja um conceito antigo, até a atualidade não é bem definido, pois o tabu em si, muda de uma sociedade para outra, apenas certos pontos, que não são bem-vistos, como um certo consenso.

Para entendermos esse conceito devemos retornar ao conceito de totem, que era um símbolo, que defini uma pessoa ou um grupo em uma determinada sociedade.

A primeira consequência de nossa substituição é nobilíssima. Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições do tabu que constituem seu âmago -- não matar o totem e não ter relações sexual com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e se casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou despertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. (FREUD, 1996, pg 141)

Neste ponto compreendemos que o tabu, para Freud está ligado a atitudes que são reprováveis, por serem consideradas imorais. De modo geral, estão ligadas a imoralidade do incesto, seja de forma direta, ou de forma indireta.

Devemos lembrar, todavia, que o tabu pode ser explicado de diferentes formas e colocado em diversos ângulos de acordo com as necessidades que uma sociedade tem para explicar tudo aquilo que é considerado impuro ou inaceitável.

Logo temos, neste caso policial em si, um tabu, pois ele é repleto de elementos dos quais a população coloca como sendo algo impuro e horripilante, o que causa histeria, ou seja, causa um pânico desenfreado, que tente justificar o porquê de temerem aquilo que não é compreendido por eles, ou que nem mesmo é associado por eles.

Não há dúvida de que este julgamento sobre a relação entre a moral e a religião primitivas encontrou, durante a década de 1890, um acolhimento favorável. Operava uma combinação feliz entre o novo idealismo moral de

Oxford e a antiga revelação. Robertson Smith dedicara-se à interpretação moral da religião. (DOUGLAS, 1966, p. 17)

A religião sempre foi utilizada como ferramenta primordial para a interpretação da moral, durante muito tempo utilizaram da religião para descrever se algo era ou não aceitável e tudo o que era considerado inadmissível, era colocado como tabu. Logo toda religião, por mais primitiva que fosse, tinha algo que era colocado como inaceitável e com isso, comportamentos que são tidos como impróprios e até mesmo situações que não podem ser faladas, ou cogitadas de existirem.

Logo, os casos que envolvem ritos mágicos e que não podem ser descritos de forma direta, pois dependendo dos ritos envolvidos são colocados como tabu.

No caso que está sendo analisado do *serial killer* do MS, o tabu ali envolvido pode-se definir como os acontecimentos em si trazem muitos elementos considerados da cultura cristã, que acabam sendo ignorados e a situação como um todo é colocada como uma situação de tabu.

Nesse caso, os elementos cristãos envolvidos nos assassinatos, faz com que toda a situação tenha questões distorcidas e elencadas de forma a fazer com que seja esquecido que os elementos ali apresentados são de origem da própria doutrina que está colocando tal ato como sendo algo horrível.

Assim, a histeria se completa, pois mesmo que elementos estejam diante dos olhos dos telespectadores de forma clara e coesa, eles se recusam a aceitar tal fato, por comportamentos que não são mais praticados dentro da doutrina, ou que foram colocados como bárbaros dentro dela, e que por essa razão, eles são colocados como errados e desassociados da mesma.

Para compreendermos melhor, devemos retornar à história, mais precisamente ao período da “Santa Inquisição”, onde a própria Igreja tinha como intuito, através das torturas e conseqüentemente das mortes, a purificação da alma daqueles que haviam sido corrompidos.

A tortura pode ser entendida como um ato metafísico. Na visão da Igreja, o corpo é o veículo usado pelo diabo para atingir a alma, nada mais lógico que fazê-lo sofrer para arrancar o mal e redimir a alma da condenação, pois o ofício do tribunal era reconciliar o acusado com Deus.

Além disso, a tortura deve ser entendida como prática judiciária presente no antigo regime, típica da violência institucional do Estado dos soberanos. Por outro lado, o suplício pode provar a inocência do acusado, como no caso da ex-escrava Gerônima, natural de Sevilla, processada no ano 1633, também pelo tribunal de Cartagena das Índias, resistiu à tortura na polé e seria absolvida de suas culpas caso não tivesse morrido antes mesmo da finalização do processo, devido à tortura. Os métodos (o segredo, a tortura...) da inquisição eram praticados por todas as agências de poder do ocidente. A inquisição foi um dos vários instrumentos para disciplinar o homem moderno. (CORRÊA, p.7 *apud* VAINFAS, 2010).

Elementos esses, que em dadas situações são colocados como elementos sagrados, mas que nesta situação em específico são tidos como profanos e até uma forma de desrespeitar toda uma comunidade religiosa, como se o *serial killer* estivesse tentando zombar deles.

O que chama mais a atenção no caso, é o fato de tudo se passar em uma cidade do interior do estado, um local tido como pacato e que não teria a possibilidade de ser o local onde um *serial killer* viria a surgir, o que disseminou pânico nas cidades ao redor, pois, muitos acreditavam que ele não agia sozinho, o que dificultou ainda mais as investigações do caso no início.

Entretanto, precisamos definir o que de fato é um *serial killer*, e porque a população de Rio Brilhante o denominava assim, e conseqüentemente, porque essa denominação causava tanto espanto e histeria local.

O termo *serial killer* foi criado na década de 70 por Robert Ressler, ex-diretor do programa de prisão de criminosos violentos do FBI (*Federal Bureau of Investigation*).

O FBI define um *serial killer* como uma pessoa que matar três ou mais pessoas, com períodos de “calmaria” entre os assassinatos. O *serial killer* geralmente trabalha sozinho, matam estranhos, e matam puramente por matar. Sendo um criminoso que mata de forma metódica e criteriosa, o que o diferencia dos outros criminosos. O *serial killer* seleciona suas vítimas, quase sempre com as mesmas características. E em meios aos seus crimes, busca desafiar a sociedade e a polícia, não demonstrar nenhum remorso por seus atos. Manipula a ação das pessoas em busca de obter

uma impunidade. Para ele cometer crime torna-se um bom desafio. (MELO & CHAVES, p. 2 e 3, *apud* CASOY, 2004)

Toda essa atmosfera fez com que o caso tomasse proporções, não vistas anteriormente no estado de Mato Grosso do Sul, pois o surgimento de um caso de assassinatos em série em uma cidade interiorana, causa mais impacto do que um ocorrido em uma metrópole.

A população inicialmente se recusava a acreditar que um adolescente de 16 anos, fosse o responsável por aqueles assassinatos, pois segundo eles, o *serial killer*, não tinha perfil violento o que assustou ainda mais os seus vizinhos.

As famílias das vítimas também ficaram, além de horrorizadas pela forma como seus entes queridos tiveram as suas vidas interrompidas, revoltas com havia feito tal ato, o que gerou uma comoção e medo de que o sujeito em questão não tivesse agido sozinho, e por estarem expostos na mídia, que seus ajudantes, ou até mesmos mandantes do crime, viessem atrás dos mesmos como forma de vingança.

O envolvimento de outras pessoas no caso foi descartado. Uma das vítimas conseguiu escapar com vida e conseguiu contar às autoridades, como o sujeito em questão agia, ou seja, ela foi uma peça-chave para que conseguissem localizá-lo e terem certeza de que pegaram a pessoa correta.

Essa histeria coletiva ganha ainda mais força com o passar dos anos, o que faz com que a mídia do estado de Mato Grosso do Sul se sinta responsável em dizer de tempos em tempos o paradeiro deste *serial killer*, uma forma talvez, de dizer a população daquele município de que ele encontrasse recluso, e que não cometerá mais assassinatos.

Em 2012, o Maníaco da Cruz escapou da zona penitenciária (Figura 7) em que se encontrava, trazendo à tona todo o sentimento de histeria de uma forma epifânica, ou seja, a população que continuava alarmada de que um dia, ele poderia vir a ser solto, encontrava-se agora com medo de que com sua fuga, ele resolvesse vingar-se das famílias das vítimas que tinha cometido.

Figura 7 – Reportagem do Portal Terra.

MS: 'Maníaco da Cruz' foge de unidade de internação

O jovem foi apreendido em outubro de 2008, quando ainda tinha 16 anos, por ter matado três pessoas no município de Rio Brilhante

Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/ms-maniaco-da-cruz-foge-de-unidade-de-internacao,3103c7ca6813d310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>

Com isso, o caos se instaurou, não apenas no município em que tudo começou, como também em todo o estado, pois todos acreditavam que ele voltaria a cometer seus “atos de purificação”.

Além de toda essa problemática, a histeria se alastrou também por todo o estado por inicialmente não saberem o paradeiro do *serial killer*, ou seja, ninguém sabia para onde ele havia fugido, e diziam que quando menos esperassem ele estaria envolvido com novas mortes.

De todo modo, isso não ocorreu. Ele foi encontrado na fronteira com o Paraguai e uma operação conjunta entre nosso país e seu vizinho resultou em sua captura, mas não pensem que isso fez com que todo aquele furor acabasse, pois se antes tinham medo de sua liberdade, agora tinham medo de que ele fugisse novamente e que não fosse capturado, o que levaria a novos casos, já que ele disse algumas vezes que não se arrepende do que fez.

Entretanto, mesmo após a sua nova prisão, o imaginário sul-mato-grossense não parou com a sua fertilidade, pois o fato dele ter conseguido fugir uma vez, fez com que a população acreditasse que ele não seria mais mantido em cárcere, pois uma vez que conseguiu escapar ele o faria de novo.

Nota-se, entretanto, que tais alusões de novas fugas só fez com que a população tivesse medo de que o dia que ele voltaria a cometer seus crimes estivesse cada vez mais perto, o que alimenta cada vez mais a histeria que se instaurou no imaginário da população é o fato da mídia sul-mato-grossense sempre trazer notícias sobre como está a vivência do mesmo em reclusão.

Talvez, essas notícias tenham surgido com o intuito de tranquilizar a população, para que ela possa acompanhar que este assassino em série está mesmo cumprindo a sua pena, e garantindo assim, para a população que ele não escapou.

Uma coisa é certa, seja para disseminar a histeria de uma forma mais eloquente ou para tranquilizar a população as matérias sobre o mesmo e ainda trazem lucros, sejam eles de forma afirmativa ou não.

Assim, o caso não parará de ganhar notoriedade, pois sempre está envolto em mistério, e esse elemento – o mistério-, é o que aguça a curiosidade e trás, fascínio a população, mesmo que essa seja incapaz de admitir.

A população que se encontra envolta nessa aura de histeria e medo, se faz refém de uma estória que é contada e recontada diversas vezes e cada vez com um elemento a mais, ou com uma visão diferente, o que causa a impressão de novo.

Essa sensação de incompletude, de fome por novidades no caso, faz com que a histeria só aumente e as observadores entrem em um estado frenético de querer mais a cada vez, o que faz com que cada vez mais o caso se desmiuce e traga pequenos detalhes antes nunca vistos.

Nestes pequenos detalhes ressurgem o medo, pois quando analisamos uma situação traumática sob uma nova perspectiva, fazemos com que todos aqueles sentimentos que estavam ali guardados sejam trazidos à tona e tornem-se cada vez mais sufocantes e a única forma de eliminar esse sentimento é buscando soluções e analisando a situação de novo, e de novo e de novo, num looping que nunca terá fim, pois a cada nova perspectiva mais adrenalina e serotonina será empregada naquele absorve tal conteúdo.

As palavras de Robert E. Bartholomew (2001, p. 8) são esclarecedoras, ao dizer que 'in relatively rare instances, hysteria can spread to groups. Episodes of "mass hysteria" are also known by such labels as "epidemic hysteria," "contagious hysteria" and "mass psychogenic illness."' O autor também expressa uma diferenciação significativa entre a histeria de ansiedade (anxiety hysteria) e a histeria coletiva motora (mass motor hysteria). Segundo ele, a primeira possui um período de desenvolvimento e "eclosão" mais curto, sendo também menos duradoura (geralmente persiste por um ou poucos dias), ao oposto da segunda, que,

embora tenha um surgimento mais lento, pode durar por semanas, meses ou mesmo anos. A histeria de ansiedade também possui sintomas menos gravesos que a histeria coletiva motora. (NASCIMENTO,2015, p. 4)

Neste contexto percebemos que não existe apenas uma definição para histeria coletiva, e sim duas formas em que ela pode ocorrer, no caso que estamos analisando, falamos da histeria coletiva motora, pois já passaram se anos e a população ainda exhibe um comportamento inquietante sobre o caso em questão.

Esta histeria motora é a responsável pelo sentimento de medo e impotência, que ainda rondam a população. Pois ela ainda teme que o *serial killer* retorne e cometa seus crimes novamente.

Esta impotência surge, quando a própria população sabe que não poderá fazer muito, se ele for solto e retornar à cidade, ou se simplesmente o surgimento de um novo *serial killer* na região, que colocaria essa população em situação de precariedade.

O medo quando percebemos essa impotência quase palpável, pois podemos senti-lo e quase vê-lo, esse medo é importante para compreendermos os comportamentos da população em si.

Um receio que fica ainda mais perceptível quando pensamos em como as famílias das vítimas sentem, já que elas já deixaram claro que tem medo de serem usadas como objeto de vingança, pois foram elas que buscaram justiça por seus entes que tiveram suas vidas ceifadas.

Entretanto, essa histeria, não se mantém apenas com essas famílias, ela se estende à toda uma cidade, pois todos os membros desta comunidade se vêm perante a uma incógnita, pois têm receio de que tudo o que ocorreu volte a acontecer.

2.3 O RITUAL COMO SALVAÇÃO

Quando se analisa o caso em questão e encontram-se elementos que são sobrepostos para criar o ritual perfeito, todos os elementos ali empregados foram

pensados e calculados com precisão para que toda a métrica funcionasse e a “purificação” ocorresse como o esperado.

O ritual ali empregado tinha elementos primitivos, podemos até associar a forma como os assassinatos ocorriam com rituais de sacrifício que eram comuns em sociedades que possuíam totens.

Esses totens eram elementos que faziam a representação de uma pessoa para um determinado grupo, e todas as vítimas tiveram elementos que foram retirados pelo *serial killer* como forma de representá-las, podemos definir neste caso um “espolio” de guerra” ou apenas um totem.

Assemelho esses objetos aos totens primitivos pois eles, além de serem representações de indivíduos, são usados como forma de lembrar as purificações que foram feitas.

Durkheim observa que é o totem enquanto símbolo que é sagrado e não a coisa mesma, ou seja, é a apropriação simbólica do animal, o animal feito totem, e não o animal em si mesmo. É precisamente essa constatação que leva Durkheim (2003, p. 210) a afirmar que “[...] o totem é antes de tudo um símbolo, a explicação material de alguma outra coisa”. Portanto, a questão acerca da origem das crenças totêmicas demanda que se identifique em que consiste essa “outra coisa”, que é o que confere verdadeiramente a sacralidade atribuída ao totem. (WEISS, 2012, p.111)

Observamos que o próprio totem é dotado de sacralidade, ou seja, ele mesmo é um objeto sagrado, dotado de poderes divinos, e não precisa necessariamente estar inserido a um contexto religioso, para conseguir essas características mágicas, pois, ele mesmo já as tem.

Deste modo se confirmava a distinção entre o contágio e a verdadeira religião. Mas como as regras de pureza não estavam no centro das suas preocupações, Durkheim não lhes prestou mais atenção do que Robertson Smith. (DOUGLAS, 1966, p. 19)

A ideia de ritual de purificação está intimamente ligada à ideia de magia, pois a magia era utilizada para realização, ou seja, para conseguir algo, seja através de eliminação de um problema, seja atraindo certa energia.

Seguindo este pensamento, pode-se dizer que o ritual que era utilizado para a purificação era repleto de magia, pois através destes elementos, que o ideal seria alcançado, ou seja, apenas através da união de todos esses elementos que a purificação seria alcançada.

O apego às ideias propostas por Douglas, sobre o uso da magia, logo entende-se, que a magia sempre foi utilizada e continuará sendo utilizada, pois, magia não pode ser entendida apenas como algo relacionado com religiões primitivas ou com crenças populares, mas sim como manipulação de energia, ou elementos para realização de algo.

Deve-se ficar apreensivos com a ideia de que apenas religiões tidas como primitivas ou até mesmo politeístas são providas de ritos mágicos, pois, até mesmo dentro do cristianismo, que foi usado como base para o ritual deste *serial killer*, é composto por elementos, mágicos, ou até mesmo por símbolos que são regidos de poder, que são usados para manipular energia, logo são mágicos.

Então quando conseguimos compreender qual é a relação entre magia e religião que foi destacada por Douglas, percebemos que a Igreja sempre aceitou a sua existência, mas não a sua prática, que fique bem claro, assim, a magia era usada para justificar comportamentos coletivos que eram praticados abertamente e que não eram bem-vistos pelo corpo clerical, mas que tinham eram justificados em vãs tentativas de purificar uma região / pessoa.

A religião em alguns momentos vai se apropriar da magia, e de seus ritos para fazer esse processo purificador, mesmo que ele não aconteça de forma aberta e livre, mas de certa forma a magia continuou sendo uma ferramenta importantíssima para a disseminação de doutrinas, mesmo que elas venham a condená-la em diversos momentos de sua história.

Logo, quando se entende o caso que ele utilizou o assassinato como forma de purificação de pecados, ele não apenas retornou aos primórdios do culto do cristianismo, fazendo uma alusão à própria crucificação – o que é bem visível em todo o caso em si-, mas também que ele pegou elementos bíblicos que diziam que apenas o sangue é capaz de purificar o homem por completo, e que apenas com o sacrifício que uma situação será solucionada.

"Diga aos israelitas: Qualquer israelita ou estrangeiro residente em Israel que entregar um dos seus filhos a Moloque, terá que ser executado. O povo da terra o apedrejará" (Lv 20:2).

"Voltarei o meu rosto contra ele e o eliminarei do meio do seu povo; pois deu os seus filhos a Moloque, contami-nando assim o meu santuário e profanando o meu santo nome" (Lv 20:5-6).

"Se o povo deliberadamente fechar os olhos quando alguém entregar um dos seus filhos a Moloque e deixar de executar o agressor, voltarei o meu rosto contra aque-le homem e contra o seu clã e eliminarei do meio do seu povo tanto ele quanto todos os que o seguem, prostituindo-se com Moloque" (Lv 20:4-5).

Nestes trechos bíblicos, pode-se encontrar como as pessoas tidas como idólatras deveriam ser sacrificadas como forma de purificação para o povo com o qual havia tido contato e que apenas através do sacrifício, ambos estariam libertos, ou seja purificados.

Este ato de colocar as vítimas em posição de crucificação, que deu inclusive o nome para esse *serial killer*, veio justamente de um elemento cristão que teria sido usado para purificar toda a sociedade, ou seja, a própria crucificação, que segundo a crença cristã, sério marco para todos os sacrifícios humanos até então cometidos, seria o maior e último sacrifício humano praticado, pois ele faz referência aos antigos sacrifícios que eram cometidos, era um primogênito perfeito, que seria usado para agradar ao Pai.

Logo encontra-se uma controvérsia no caso em questão, como nosso sujeito poderia ter utilizado de tais elementos como forma de agradar ao Senhor, se Ele já havia dito que sacrifícios humanos não seriam mais aceitos/ necessários?

A resposta para tal indagação pode não ser tão simples, e talvez não se chegue a um consenso sobre tal motivação, mas que podemos afirmar até então é que, ele acreditava que aqueles indivíduos precisavam ser purificados de acordo com suas crenças, pois, segundo ele todos disseram acreditar em D'us, o que o levou a colocá-los em posição de cruz, ao final de seu ritual de purificação.

"E vós não me oferecereis mais derramamento de sangue; sim, vossos sacrifícios e holocaustos cessarão, porque não aceitarei qualquer dos vossos sacrifícios e holocaustos" (3 Néfi 9:19-20).

"E oferecer-me-eis como sacrifício um coração quebrantado e um espírito contrito. E todo aquele que a mim vier com um coração quebrantado e um espírito contrito, eu batizarei com fogo e com o Espírito Santo, como os lamanitas que, por causa de sua fé em mim na época de sua conversão, foram batizados com fogo e com o Espírito Santo e não o souberam" (3 Néfi 9:20)

Assim, compreende-se que tais inclinações para o agrado de Deus com sacrifícios humanos, não podem ser compreendidas como certas, ou erradas, visto que em vários momentos, na própria bíblia, Ele fala que tais sacrifícios o agradam como forma de purificar um povo.

Logo pode-se encarar como um severo devaneio o fato de o *serial killer* utilizar de passagens bíblicas como justificativa para seus crimes. Mas não podemos ignorar também o fato, de que ele demonstrou certo fanatismo, o que poderia justificar tais atos acometidos e até mesmo friamente calculados, já que ele não demonstrava sinal de discernimento, no sentido de que o que estava fazendo não condizia com a realidade em que ele estava inserido.

Vemos também Durkheim insistir no facto de as regras de separação caracterizarem o sagrado, diametralmente oposto ao profano. Os seus argumentos levam-no então a perguntar por que razão o sagrado é contagioso. Responde referindo-se à natureza fictícia, abstrata, das entidades religiosas. Elas não são mais do que ideias despertadas pela experiência da sociedade, ideias coletivas projetadas para o exterior, meras expressões de valores morais. (DOUGLAS, 1966, p. 20).

Para tanto compreende-se que este extremismo está intimamente ligado aos valores morais, valores estes que foram ensinados para aquele indivíduo por seus próprios pais e pela comunidade na qual ele estava inserido, de forma, que ele não via que estava tendo um comportamento tido como negligente, ou até mesmo perverso pelos assassinatos que estava cometendo.

Estes valores quando colocados de maneira tão literal se mostram chocantes e até mesmo cruéis, mas a indagação que podemos levantar neste momento é, será mesmo que as vítimas feitas por ele, não eram excomungadas por uma parcela da sociedade, parcela essa na qual o *serial killer* estava inserido? Pode ser uma indagação forte e até mesmo polêmica, mas que deve ser levantada, pois se uma coisa que podemos afirmar com clareza é que mais pessoas concordaram com os atos cometidos, e até mesmo algumas se inspirarão neles para estarem em situações semelhantes.

O ponto que quero chegar é, mesmo que os atos sejam deploráveis e que vidas humanas tenham sido ceifadas, eles têm um fundo de justificativas, que a maior parte da sociedade não quer encarar, mesmo que de forma grosseira, se assim podemos dizer, de que este comportamento foi ensinado, e neste caso por cunho religioso, de que certos comportamentos não podem ocorrer, pois eles agredem o que bíblia ensina como certo.

Por mais que na maior parte do tempo, as religiões como um todo, sejam colocados como atos de amor e preservação, não podemos nos esquecer que as mesmas são regidas por seres humanos, seres esses que são providos de sentimentos e afeições que mudam ao longo dos anos, e que podem sim se transformar em sentimentos ruins e macabros, que acabaram por envenenar toda uma realidade como forma de justificar os seus preconceitos, e que de alguma forma, seja mais cedo ou mais tarde, serão condenados pelos seus pares, pares estes que antes por ventura podiam até concordar – mesmo que de forma parcial- com os atos que ocorreriam.

Mas aqui surge uma pequena dificuldade. Se o contágio caracteriza o sagrado, em que difere então da magia, não sagrada, mas também caracterizada pelo contágio? Que forma de contágio é esta que não é gerada pelo processo social? Por que assimilar as crenças mágicas à higiene primitiva e não à religião primitiva? Estes problemas não interessaram Durkheim. Ele seguiu a via traçada por Robertson Smith separando a magia da moral e da religião e assim ajudou a transmitir-nos uma confusão de ideias sobre a magia. Desde então, os estudiosos não cessaram de meditar numa definição satisfatória das crenças mágicas e de se interrogar sobre a mentalidade dos povos que as subscrevem. (DOUGLAS, 1966, p. 20)

Este ritual mágico, pegou elementos outrora esquecidos para que fossem utilizados novamente, como forma de purificação social. Ou seja, o sangue neste momento não é utilizado como algo abominável e que não deveria ser usado, mas como um elemento viável e neste caso de fácil acesso, que seria utilizado como elemento purificante.

Pois em várias passagens bíblicas vemos que o sangue, seja ele humano ou animal, era usado como forma de marcar, ou seja, para distinguir o profano de sagrado. E essa discussão vêm bem a calhar quando a encaramos em um caso de assassinato em série.

Quais seriam os elementos deste caso que o colocaria como profano, sendo que ele teve princípios religiosos para acontecer? Tais princípios poderiam ser colocados como problemáticas atuais, ou apenas como preconceitos religiosos, ou até mesmo, preconceitos específicos de quem praticou os atos?

Tentemos então trazer algumas respostas para estes questionamentos. Quando conseguimos encontrar elementos de dada religião e nestes elementos elencar tópicos que justificariam tais atos, logo podemos afirmar que tais discussões já foram feitas e que pelo menos em dado momento este preconceito específico, foi sim de um grupo.

Entretanto, não podemos afirmar com clareza que este elemento é utilizado ainda na atualidade como forma de pejorativa para as pessoas.

Sabemos agora que a visão durkheimiana de comunidade social era demasiado unitária. Devemos começar por reconhecer que a vida comunitária é muito mais complexa do que ele julgara. Depois, descobrimos que a sua teoria segundo a qual os rituais são símbolos de processos sociais é válida para dois tipos de crenças – religiosas e mágicas – relativas ao contágio. Se tivesse pressentido que as regras a que chamava higiênicas são também dotadas de um simbolismo social, teria sem dúvida afastado a categoria da magia. (DOUGLAS, 1966, p. 20)

Neste ponto, Douglas elenca o ponto principal da discussão, de que a magia e o sagrado não elementos sociais, portanto, não podem ser desassociados de um grupo de pessoas, mesmo que isso signifique que apenas uma destas pessoas está cometendo um ritual mágico, pois se a mesma sabe como executá-lo, ou até mesmo

de sua existência, é porquê, alguém daquele grupo social foi ensinado e ensinou também como alguém deveria se comportar e agir em dadas situações, mesmo que seus ensinamentos tenham sido levados para uma execução mais radical.

Magia está intimamente ligada a religião e estas por sua vez estão ligadas aos ideais de pureza e profanação que tanto rondam a nossa sociedade. Assim, tentar desassociar a magia de nossa sociedade seria negar nossas próprias crenças religiosas, e tentar compor uma identidade para o que é sagrado e o que é profano, seria uma forma bem arrogante de achar que temos o controle do pensamento de todas as pessoas que estão inseridas em um meio social, e que todas seguem os mesmos ideais religiosos, o que torna esta discussão ainda mais ampla e complexa.

Os atos mágicos destinavam-se ora a procurar benefícios, ora a evitar o mal. E, portanto, os comportamentos que Robertson Smith classificava como “supersticiosos” não se limitavam às regras de pureza. Todos estes comportamentos pareciam estar dominados pela noção de contágio, bem como pela crença de que os caracteres podem ser transmitidos por simpatia ou semelhança. Em virtude das chamadas leis da magia, o mágico pode mudar o rumo dos acontecimentos entregando-se a atos miméticos ou dando livre curso às forças contagiosas. Estudando a magia, Frazer contentou-se em escrever as condições em que uma coisa pode simbolizar outra. (DOUGLAS, 1966, p.21)

A magia poderia então ter sido uma ferramenta utilizada para a modificação da realidade, já que é justamente este elemento que a difere do que é tido como sagrado e realizado por sacerdotes.

Todavia, não pode ser apenas definir apenas essa distinção entre sagrado e profano, mas deve-se também compreender como essa relação ocorre, pois um mesmo elemento em dado momento pode mudar as suas características para sagrado e depois para profano, o que vai dizer se qual é a realmente a sua natureza vai ser a situação e o observante em questão.

A relação sagrado/magia é uma linha tênue, que se difere apenas de acordo com a vontade de quem é o praticante, pois dentro do sagrado também possuímos formas de manipular a realidade, mas essas práticas são bem aceitas pois seus elementos são considerados puros, ou seja, sagrados.

Pensar essa relação entre sagrado e puro e entre moral e tabu, é algo bem tênue, pois estes elementos ainda estão impregnados de noções higienistas, que separam comportamentos como aceitáveis ou não de acordo com leis que muitas das vezes não fazem sentido e que são ignoradas em vários momentos.

É importante lembrar, porém, que, numa ideia evolucionista, a magia não passaria de uma situação primitiva, onde a religião seria a sua evolução e em dado momento a própria religião seria sobrepujada e superada.

Assim, o medo da magia por uma parcela da população começa a fazer sentido e até mesmo tornasse algo tido como primitivo, e até mesmo medonho, pois a magia seria o estágio inicial para a religião, e a maioria das pessoas acredita que se retornarem para esse estágio irá regredir e ser menos “civilizado”, pois ainda temos muito a ideia de que, quem pratica a magia é um ser primitivo, embora não seja bem este o caso.

A magia seria a consequência da incapacidade dos primeiros humanos para distinguir as suas próprias associações subjetivas da realidade exterior, objetiva. A sua origem baseava-se, pois, num engano. Não existiam dúvidas de que o selvagem era um pateta crédulo. (DOUGLAS, 1966, p. 21)

Logo, quando um caso em que ocorrem assassinatos e nestes episódios existem elementos tidos como profanos e mágicos, logo começamos a condená-lo, muitas vezes não pelo ato em si, mas pelas peculiaridades que ele representa, pois não estamos julgando os acontecimentos como um todo e sim os elementos que se destacam do modo de vida que normalmente colocamos como corriqueiro.

Neste viés, ficaria até compreensível o espanto e o medo de que o caso em questão levantou na população, pois o mesmo que nele tenha elementos que são tidos como brutais, o que choca a população não é brutalidade em si, mas os elementos mágicos que estão ali presentes. Estes elementos estão envoltos em um tabu, o sangue.

O sangue sempre foi colocado como sendo um elemento que não poderia ser acessado por nenhum ser humano em qualquer tipo de ritual, a não ser um ritual

mágico, onde o primitivo tomaria conta, pois qualquer ritual que envolva sangue humano é automaticamente um tabu.

O sangue é associado à vida, pois sem ele ela não ocorre, quando um indivíduo é por algum motivo desprovido dele, acaba tendo sua existência interrompida, por essa razão ele, o sangue, é tido como um tabu, pois, envolver qualquer ato mágico com sangue, significaria envolver diretamente a vida daquele indivíduo com magia.

O que para as religiões de um modo geral é dito como profano é algo não praticável, pois apenas as divindades é que poderiam ter tal poder, ao contrário dos seres humanos, pois o sangue é algo sagrado.

Assim, quando vemos as notícias sobre assassinatos, onde o sangue das vítimas era um instrumento do ritual, o *serial killer*, logo é demonizado, pois o profano está ligado ao impuro e ao mal.

A sociedade acaba fazendo esse juízo de valor pois a religião acaba exercendo um papel fundamental nas construções morais, quando algo foge do que deveria ser tido como certo, acaba de algum modo sendo colocado como profano/errado, assim temos a demonização dos atos, não necessariamente colocando a pessoa com um demônio em si, mas colocando-a como influenciada pelo mal, pois ela cedeu à comportamentos tidos como errados.

3 CAPÍTULO II: ANALISANDO AS NOTÍCIAS

3.1 O FASCÍNIO PELAS NOTÍCIAS

As notícias criminalísticas brasileiras seguem um padrão bem conhecido e que reforça o sistema de classes aos quais estamos inseridos, ele sempre mostra alguém da classe mais baixa cometendo algum tipo de crime, seja ele passional ou não.

Quando colocamos ao ar em um horário familiar, que é destinado para esse tipo de programa sensacionalista – 12h ou 18h-, estamos buscando maior amplitude para os casos que serão transmitidos, e mostrando para a classe média trabalhadora – que é no geral a classe que consome esse tipo de programação – que ela não é tão cruel - quanto a que está abaixo dela. E que por isso ela pode ficar aliviada com seu status, pois ela nunca será tão animalesca ou cruel, como aqueles que cometem as ações criminosas.

Os horários em que esses programas passam também são bem pensados, pois trata-se dos horários de almoço e saída do serviço, de forma que a população destinada a consumir esses programas possa se acomodar e ver tranquila as notícias do dia. O que demonstra com a escolha de horários, que o programa não é para todos como é falado por seus apresentadores e sim para uma classe intermediária da população, que teme que seus poucos bens sejam tomados pela classe seguinte a ela.

Há ainda, o caso de um programa desses é noturno, onde apenas por sua vinheta nós brasileiros sabemos que mais um caso criminal será passado, o que já nos causa angústia, pois neste programa não apenas casos que foram resolvidos são transmitidos, mas também os temidos casos inconclusivos, ocasionados pela fuga de seus feitores.

Tanto os programas noturnos quanto o diurno possuem semelhanças, ambos têm como centro uma notícia arrepiante, que prenderá seus telespectadores por horas à tela se preciso for, para que saciem o seu desejo pelo mórbido e pelo diferente.

Esses programas são alvo de constante ataque, pois muitas pessoas acham que eles são desrespeitosos e violentos, mas essa parcela da população não consegue fazer com que esses programas saiam do ar por muito tempo, pois a

própria população alega que eles são necessários para que ela se mantenha informada sobre os crimes acontecem diariamente e que não são noticiados nos telejornais por não ocorrerem com pessoas “importantes”, além de contar com inúmeros anunciantes que acabam lucrando com a continuação desses programas no ar.

As matérias sempre são colocadas como se os apresentadores destes programas estivessem em uma conversa com um amigo/conhecido, tudo isso feito para que o telespectador se sinta à vontade com a notícia e se interesse mais, os apresentadores sempre apresentam uma voz envolvente, onde a entonação correta faz com que a reação desejada seja atingida, logo percebemos que as notícias estão sendo colocadas da forma mais excitante possível.

De modo geral podemos afirmar que tais notícias atraem os mais diversos grupos, nem que seja apenas para um episódio específico, por pura curiosidade que a chamada de tal programa ocasionou.

Um bom exemplo sobre o fascínio por essas notícias criminais é a ressurreição do Linha Direta, um programa que foi sucesso nos anos 90 e início dos anos 2000, que tratava casos que não tinham sido solucionados pela polícia e tinha como diferencial o pedido de ajuda da população para que o criminoso fosse preso. Com o tempo, o programa também passou a mostrar casos de acidentes que marcaram as manchetes, para que a população compreendesse o que tinha acontecido na ocasião.

Esse, claro, não é o único exemplo que poderia ser usado. Se colocarmos no *Youtube* casos criminais, nos depararemos com inúmeros canais que leem casos criminais de forma cênica, com muita entonação e fotos em preto e branco dos casos que estão sendo narrados, para ilustrar a narrativa que está sendo construída.

São casos que foram famosos seja por sua barbaridade, ou simplesmente por serem taxados de sobrenaturais ou misteriosos, esses canais esmiúçam as notícias, buscam laudos periciais e judiciais para construir a sua narrativa, tentando ter a maior riqueza de detalhes possível, seus apresentadores não colocam as suas opiniões nos vídeos, alguns fazem comentários do tipo: “medonho, não?”, ou até mesmo “bizarro”, o que embora sirva para quebrar o gelo, não revela de fato a posição do apresentador desse assunto em questão.

Pode-se analisar por exemplo a repercussão do caso de Suzane Von Richtofen, que além de uma transmissão completa nos telejornais, ela tinha plantões

ao vivo na época do que estava acontecendo do caso, além disso, o caso continuou ganhando fama, mesmo depois de solucionado, Suzane foi alvo de inúmeras reportagens anos após a sua condenação, além de programas na internet que falavam sobre o caso em questão. E mesmo quando achávamos que o caso já tinha sido esmiuçado o máximo possível, ele ganhou dois filmes contados em perspectivas diferentes, o que prova que o caso ainda gera interesse no público e apelo comercial.

É claro que esse não é o único caso que tem repercussão. Quanto mais violento e inusitado foi o caso, mais interesse a população tem sobre ele. Casos famosos e que sempre são trazidos de volta, demonstram que a população tem fascínio ao macabro e ao eloquente, e muitas vezes as famílias das vítimas são visitadas e obrigadas a reviver toda a dor do luto, simplesmente para satisfazer as inquietações daqueles não se conformam com a forma que o caso é finalizado, e acabam buscando saber como estão os parentes das vítimas, ou até mesmo o próprio criminoso, tentando compreender se ele encontra se encarcerado ou em liberdade.

Seria esse interesse mórbido uma forma de satisfazer as inquietações do cotidiano, ou apenas um fascínio intrínseco do ser humano que remota de sua fase animalesca, onde a agressividade era a única forma de demonstrar sua superioridade sobre seu oponente. Talvez nunca tenhamos uma resposta para essas perguntas, o certo é que o ser humano de alguma forma é atraído para a violência, seja de forma ativa ou não. Mesmo aqueles que dizem que não gostam, ou se abstêm de consumir tais notícias, o fato de as rejeitarem, já é prova suficiente para declararmos que eles também são afetados por tais acontecimentos, mesmo que não queiram admitir.

Existem também sites na internet que trazem todo o relato escrito sobre os casos, inclusive com fotos, para “contextualizar” o fato narrado. No site encontramos uma organização de imagens, vídeos e arquivos que podem ser acessados por qualquer pessoa curiosa que queira desbravar esse mundo.

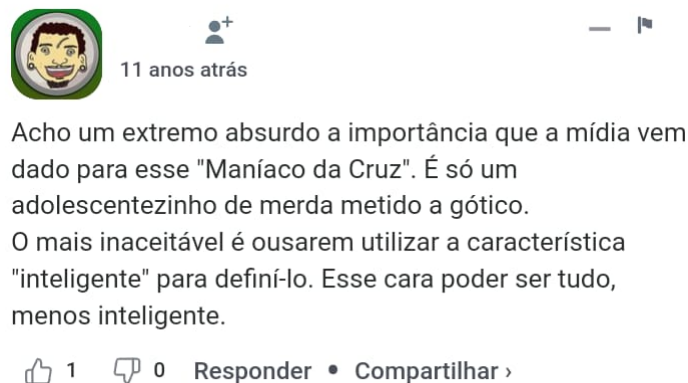
O que mais chama atenção nesses canais e sites, são os comentários que se mostram extremamente melancólicos e violentos, uma parte da comunidade que consome esse tipo de conteúdo queixa-se da brutalidade do caso, mas continua a consumir esses relatos, com a vã esperança de que o caso tenha um outro desfecho, embora elas saibam que isso é deveras impossível. Os comentários mais

violentos, clamam a morte dos envolvidos, como se o fato de terem suas vidas terminadas, anulasse o que foi feito.

Os comentários abaixo (Figuras 8, 9, 10 e 11) foram retirados de um site onde apenas matérias sobre *seriais killers* estão presentes, neste caso foram escolhidas apenas os comentários que fazem referência ao caso que estamos discutindo.

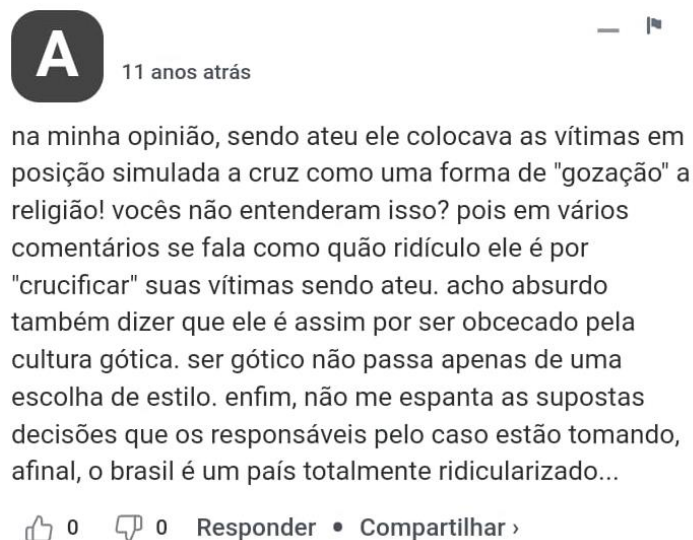
Nota-se a primeiro momento que esses comentários são recheados de preconceitos e de discursos de ódio, pois o que todos os indivíduos querem aproveitar que não estão face a face com os demais e expressão suas opiniões sem medo de represálias.

Figura 8 – Comentário I.



Fonte: <https://oavcrime.com.br/2011/05/18/serial-killers-o-maniaco-da-cruz/>

Figura 9 – Comentário II.



Fonte: <https://oavcrime.com.br/2011/05/18/serial-killers-o-maniaco-da-cruz/>

Figura 10 – Comentário III.

quem poupa o lobo sacrifica a ovelha.
ninguém é capaz de julga ninguém, mas cada um tem
o direito de escolher sair ou não da linha. legado, ordem:
palavras para estabelecer a paz. mas certos ditados
também diz:
queres paz? então prepare-se pra guerra, pois guerra
avisada
não mata ninguém!
os bandidos querem lucrar, e os militares cumprir o seu
ofício!
O HOMEM DA GUERRA É NOBRE, SEU NOME É
SACRIFICIO E POR OFICIO DA GUERRA DESPREZA A
MORTE, Á SUA ESQUERDA VAI A CORAGEM E A SUA
DIREITA DISCIPLINA!
mais louco que gótico alucinado é o milico padrão !
quer ter razão ou quer ser feliz ?

 0  0 Responder • Compartilhar ›

Fonte: <https://oavcrime.com.br/2011/05/18/serial-killers-o-maniaco-da-cruz/>

Figura 11 – Comentário IV.

solta ele na rua, no mesmo dia vão mata ele! deixa
preso não porque ta gastando verba publica,
ganhando comida e psicologo de graça com o
dinheiro que eu pago imposto! joga na rua que
morre!

[Like](#) · [Reply](#) · [Mark as spam](#) · 10y



ele e um fila the puta se eu vem ele na rua eu mato
ele a pauladas e enterro ele vivo pra vem o em em
bom pra tosse.

[Like](#) · [Reply](#) · [Mark as spam](#) · 10y

Fonte: <https://oavcrime.com.br/2011/05/18/serial-killers-o-maniaco-da-cruz/>

Esses comentários vão desde o preconceito estético, até o repúdio pelos atos cometidos pelo indivíduo, além de pitadas de intolerância religiosa. Todas formas de

tentar justificar os comentários que são ali tecidos, de forma a tentar minimizar a sua culpa.

Percebemos com essas imagens, que as pessoas que consomem esse tipo de notícia, acabam tendo comentários de ódio, pois elas sentem que na internet tem mais liberdade para falar o que realmente pensam, pois se sentem protegidas.

Nestes comentários em questão observa-se que, as pessoas possuem opiniões formadas, tanto do caso em si, quanto da situação atual, algumas demonstram ser a favor que o *serial killer* fique preso pelo resto de sua vida, outras já querem que ele seja solto, pois elas acreditam que ele será morto pela população, ou até mesmo que ele morrerá de fome.

3.2 A MORTE COM ESPETÁCULO

O caso do Maníaco da Cruz, ganhou notoriedade rapidamente, muitas pessoas ficavam amedrontadas e até certo ponto fascinadas com a riqueza de detalhes que os jornais noticiavam o caso.

O caso tornou-se famoso pelo país em pouco tempo, mas marcou mesmo a imaginário local, a população do Estado de Mato Grosso do Sul, ficou amedrontada e logo começaram os burburinhos sobre a quantidade de vítimas que ele havia feito e como a execução de suas vítimas estava envolvida com um ritual satânico, pois o Maníaco seria um devoto de Satanás.

Com a prisão do mesmo as notícias não cessaram, pois mesmo nessa situação o caso continuava a ser acompanhado e as pessoas queriam saber o desfecho do que aconteceria com o garoto que havia planejado e executado essa série de assassinatos de forma ritualística no auge de sua adolescência.

Nos noticiários era fácil de encontrar as mais variadas notícias e até mesmo a sua ligação com várias seitas satânicas, que nunca se provaram reais, visto que os ideais para os crimes eram mesmo religiosos, mas não a religião que os curiosos acreditavam, e sim um caso de fanatismo extremo do cristianismo, deturpando o que a religião dizia.

Toda a mística envolvida com essa notícia é reflexo do espetáculo que transformaram a atrocidade envolvida e de como magnificaram todo o esquema que foi elaborado por um garoto de pouca idade, que conseguiu envolver suas vítimas

em todo um ritual que envolvia uma entrevista prévia, para ver se a pessoa que seria a ideal para colocar em prática o seu plano de purificação em ação.

O que mais chamou atenção no caso das pessoas foi o fato de ele deixar suas vítimas em posição de crucificação, tanto que ficou conhecido como Maníaco da Cruz, como uma referência a posição em que as deixava.

Todo esse cenário nos faz refletir que esse tipo de notícia movimenta todo um cenário e foi feito para um tipo específico de público, e são noticiados em programas sensacionalistas, que tem como função disseminar o pânico em seus telespectadores.

Esse pânico que é amplamente disseminado, vem com a função de controlar uma parcela da população através do medo, de que o que foi noticiado possa a vir acontecer com o telespectador, e essa notícia é feita de uma forma tão manipulativa, que muitos do público-alvo acreditam cegamente que serão realmente eles na próxima situação, e que é de sua obrigação como “cidadãos de bem” ajudar o Estado a vigiar o que acontece ao seu redor.

A vinheta de abertura do programa instaura as estratégias de legitimação do telejornal: vigilância, perseguição e agilidade na construção da notícia. Estas estratégias, [...]pretende realizar com o telespectador, servem para produzir um efeito de credibilidade e de realismo em suas narrativas. (OLIVEIRA, 2011, p.123).

Assim percebemos que estes programas têm todo um cenário de espetáculo, onde procuram criar uma atmosfera, onde antes das notícias serem passadas, a população já se encontra tensa e receosa, e ao mesmo tempo ávida para saber qual foi o crime grotesco cometido na semana, que acaba de ser descoberto.

O cenário do programa coloca-se como um recurso a serviço da linguagem televisiva, pois ele serve para determinar os lugares de fala com a audiência e o contexto comunicativo que vai ser manifestado a partir desta premissa. (OLIVEIRA, 2011, p. 124).

A vinheta do programa Cidade Alerta começa com um tom impactante, refletindo a dramaticidade que o programa procura, as cores vermelho, azul e branco, tomam a tela enquanto piscam e são seguidas por linhas em movimento que demonstram a rapidez urbana e urgência na transmissão das notícias, ou até mesmo, numa representação de uma perseguição policial. A música que

acompanha, dita o tom ainda mais tenso e dramático, que termina com um apresentador vestido de um terno preto alinhado, esperando com impaciência para começar o seu programa, sempre com uma voz marcante e bordões decorados, prontos para serem usados, sempre que ele achar necessário.

O cenário acima descrito é de um desses programas televisivos que busca informar a população sobre notícias mais violentas, mas que não são o foco de grandes telejornais, e nem mesmo de noticiários locais.

Tudo nestes programas e a forma como as notícias são passadas faz com que a população se prenda e entenda logo de primeira, que qual é a finalidade daqueles programas, o que é reforçado pela forma como as notícias são evidenciadas, a roupa dos apresentadores, as cores da logo dos programas – que geralmente utilizam as cores vermelha e azul, para fazer referência à sirene de polícia e também criar ligação entre a seriedade (azul) de um telejornal e a agitação/agilidade (vermelho) em que as notícias chegam ao público destinado.

O caso que estou falando que aconteceu em Mato Grosso do Sul, não foi notificado de uma forma diferente, pois a população recebeu com uma riqueza de detalhes o que de fato havia acontecido com as vítimas, mas não souberam ao certo o porquê de ter acontecido o fato em si. Inclusive, até entrevistas com o Maníaco da Cruz, eram transmitidas livremente nesses noticiários, onde um jornalista interrogava o acusado, pensando em garantir uma fala exclusiva, para que eles pudessem transformar em manchete e reviver o caso quantas vezes, ele ainda trouxesse lucro, sem pensar em nenhuma das famílias das vítimas.

Tudo isso para reforçar estereótipos e fazer com que a população acredite que esses crimes bárbaros de assassinato possuem um padrão e que se você não se comportar como as vítimas, logo aquele fato não ocorrerá com você, o que sabemos que não é verdade.

Quando o mediador mira os olhos no espectador, é um olhar direto, incisivo, persuasivo que combina com sua expressão facial indignada e coerciva, auxilia na identificação do tom do programa que busca uma postura de vigilância para com sua temática: a questão da violência física contra o cidadão de bem, especificando a luta diária ‘maniqueísta’ entre policiais (mocinhos) e assaltantes/ assassinos/ traficantes (bandidos) nas grandes metrópoles. (GOMES et al., 2003, p. 7 apud OLIVEIRA, 2011, p. 129).

Toda essa encenação é indispensável para que a atmosfera do programa seja criada de forma eficaz. E um tanto teatral, pois é visível que seus apresentadores são personagens criados para aquela situação, e são colocados em cena de forma caricata, onde a notícia é transmitida de uma forma alarmante, aumentando a situação em questão para causar um pânico momentâneo, e se perceberem que atingiram a reação esperada, a notícia é cada vez mais esmiuçada, para dar aquele público avido, o que faz com que uma notícia que seria rápida, seja comentada e dissecada durante dias, tudo claro pela audiência que está sendo gerada.

[...] a construção da performance e sua inscrição (dis)juntiva, fica evidente que a ação performática se estrutura pelas superposições de escrituras flexíveis e polissêmicas, caracterizadas como: o modo de falar e de agir, a participação do ator e/ou do público, que deve ser socialmente construída; o deslocamento das narrativas abordadas entre performer e público, bem como o uso de locais alternativos, que favorecem o improviso advindo de uma rápida preparação – o ensaio. Em outras palavras, as variantes que estabelecem uma performance compõem-se de valor poético, próprio de sua intenção transideológica, invocando a cômoda participação do público. Estímulos, provocações e inquietações são ingredientes estratégicos da performance para ativar a participação do público. (GARCIA, 2005, p.127 apud OLIVEIRA, 2011, p. 131).

A teatralidade é uma característica marcante nos noticiários criminalistas brasileiros, é uma forma que a mídia encontrou de chamar a atenção da população para este tipo de programa, mas de forma que seus telespectadores se sintam presos a notícia e queiram consumir cada vez mais esse tipo de reportagem, mas sem ficar com o peso na consciência de estarem almejando algo que é tido como grotesco e mórbido para uma parcela da sociedade.

3.3 O CASO TEATRALIZADO

Na notícia do Cidade Alerta que foi ao ar em março de 2013, a matéria começa com uma operação policial, onde dois policiais aparecem batendo em duas portas, eles aparecem armados e parecem estar prestes a encontrar algo que procuram.

Marcelo Rezende volta a ser mostrado e ele pede para mostrar a operação que parecia estar acontecendo em tempo real, quando a câmera volta para ele, o mesmo em tom mais sério e encorpado diz que tal situação que estava sendo mostrada, referia-se à operação de busca ao Maníaco da Cruz, que estava foragido.

Marcelo Rezende: “Você vê a polícia aí ok por que que a polícia tá corta pra mim por que que a polícia tá porque fugiu da cadeia um dos maníacos mais violentos do Brasil foi um custo prendê-lo e ele consegue fugir, dá imagens do clipe dele aí na hora da prisão por favor. Não, não esse não dá prisão eu quero dá prisão o da prisão, o da prisão o que que é a imagem que eu tenho tinha aqui atrás, aí a polícia perseguindo o que que acontece o que que acontece ele foi preso e fugiu pra cadeia de ponta por ele tava indo na cadeia de Ponta Porã correto no Mato Grosso do Sul e de repente ele fazia o que ele pagava escolhia as vítimas escolher as vítimas e atrás aí a polícia perseguindo o que que acontece o que que acontece ele foi preso e fugiu pra cadeia de ponta por ele tá vindo na cadeia de ponta porá correto no Mato Grosso do Sul e de repente ele fazia o que ele pagava escolhia as vítimas escolher as vítimas e se as vítimas dissesse alguma coisa alguma coisa que o contrariasse o que que ele fazia, ele colocava a imagem dele pô agora pra mim lá vai vendo durante muito tempo houve cartazes de procura-se durante muito tempo olha aí como ele deixava as vítimas na posição de Cruz exatamente põe no ar.” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJJNNKdFN-4&ab_channel=CidadeAlertaRecord>)

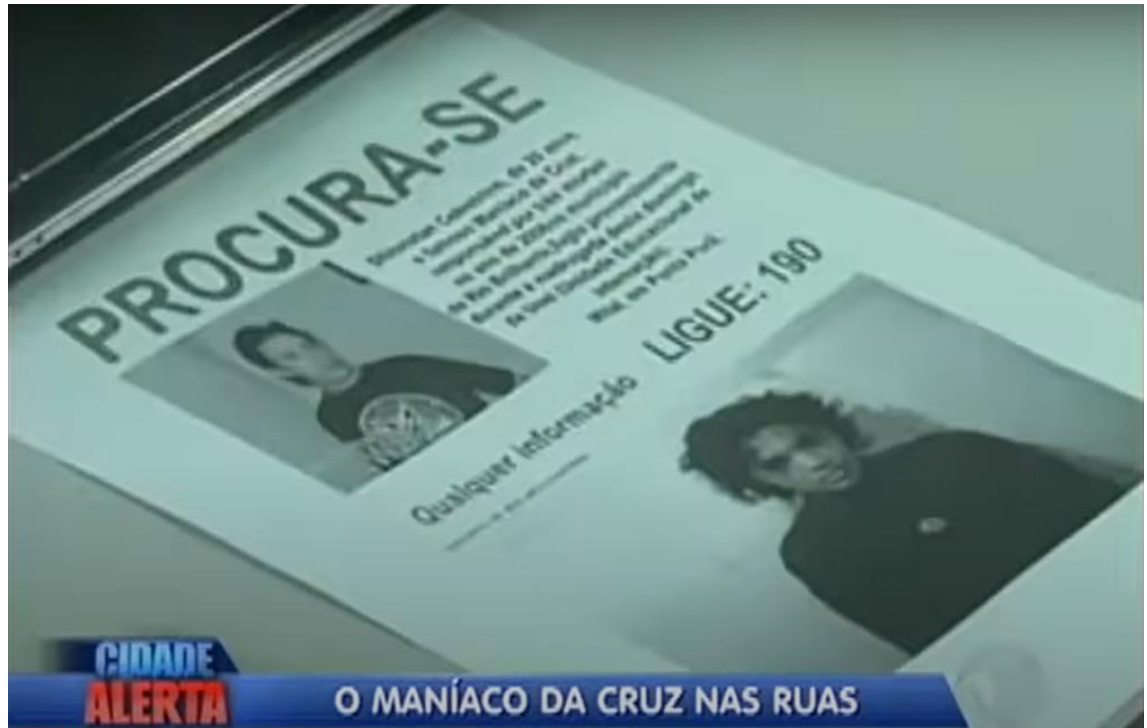
O tom de voz representa indignação, quando Rezende relembra de como ele foi preso e que mesmo sendo considerado um dos “maiores maníacos” – palavras do apresentador-, e que mesmo depois de ter sido muito difícil de prendê-lo da primeira vez, ele conseguiu escapar da penitenciária de Ponta Porã onde ele estava, o apresentador neste momento muda seu tom para decepção e começa a relembrar o caso.

Enquanto relembra detalhes do caso, que poderiam ter sido esquecidos pelo público e dar mais importância para a dramatização que está ocorrendo, de forma a trazer cada vez mais comoção com todo o cenário que ele está montando bem em frente aos nossos olhos.

Neste momento a tela atrás do apresentador mostra o momento em que o Maníaco é preso, e quando percebe este momento Marcelo Rezende corta a sua

narração e pede para que a cena seja colocada no ar de forma inteira, enquanto aponta para frente, neste momento a tela é preenchida com a imagem de um cartaz (Figura 12) de procura-se que é composto de duas imagens, uma de como o Maníaco está na época da notícia e outra de como ele era, quando cometeu os crimes.

Figura 12 – Cartaz exibido no Programa Cidade Alerta.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=JJJNNKdFN-4&t=197s&ab_channel=CidadeAlertaRecord
Divulgação Record TV.

Marcelo Rezende retorna sua narração mostrando toda a sua indignação com o caso narrado, fotos das vítimas são mostradas, mesmo que embaçadas, conseguimos perceber tudo o que acontece na cena do crime.

O apresentador relembra que o porquê de o maníaco ter esse nome, enquanto a imagem de uma das vítimas é mostrada na tela, ele fala que o *serial killer* deixava as suas vítimas em posição de crucificação. Neste momento uma repórter entra narrando, que estão espalhando cartazes com as imagens do maníaco, dizendo que é uma das maiores prioridades da polícia é achar este foragido.

Enquanto a repórter vai narrando a importância da polícia em descobrir o paradeiro deste foragido, imagens dele sendo algemado são mostradas, enquanto ele é escoltado por alguns policiais.

Repórter: Desafio das autoridades agora é localizar o jovem que se dizia uma espécie de justiceiro que assumiu ter assassinado 3 pessoas em Rio Brilhante onde morava todas as vítimas foram mortas com requintes de crueldade e os corpos encontrados em sinal de Cruz Dhionathan Celestrino assassino em série que ficou conhecido como maníaco da Cruz fugiu desta unidade educa Fronteira ele permanecia internado aqui mesmo não sendo mais menor de idade por ter sido declarado de alto risco à sociedade caso fosse solto.

A direção da UNEI aqui em Ponta Porã preferiu não dar maiores detalhes sobre a fuga do maníaco da Cruz, mas há informações de que não existem sinais de arrombamento na ala onde ele estava isolado.

Segundo a própria superintendência das UNEIS em Mato Grosso do Sul nos últimos dias ele estava muito agressivo Dhionathan Celestrino já havia cumprido os 3 anos de medidas socioeducativas e atingiu a maioridade por lei ele não deveria mais estar numa unidade educacional de internação.

Depois de ter sido ouvido por várias vezes e com base em laudos de psiquiatras apresentados à justiça ficou definido que o destino do maníaco da Cruz teria de ser uma unidade de internação psiquiátrica destinada a pessoas que cometem crimes; problema é que em Mato Grosso do Sul não há uma estrutura desse tipo e o pedido de transferência para outros estados, que contam com esse recurso teria sido negado. o resultado desse impasse foi a fuga agora de Dhionathan Celestrino, fato que está mobilizando todo o efetivo da polícia militar na região de Fronteira.

As buscas têm sido feitas em Ponta Porã e demais municípios como Aral Moreira por exemplo que são separados do Paraguai apenas por uma avenida, a polícia acredita na hipótese de que o maníaco da Cruz tenha partido em fuga para o país vizinho.

Policial: "Entramos em contato com a polícia nacional é fornecendo fotografias pra todos os detalhes sobre sujeito caso ele venha ser localizado no território paraguaio para que a polícia nacional entre em contato conosco."

Repórter: "Com o apoio dos órgãos de segurança do Paraguai, a polícia de Mato Grosso do Sul espera capturar Dhionathan Celestrino.

Cartazes como esse com 2 fotos do maníaco da Cruz uma inclusive mais recente estão sendo espalhados por vários locais da região de Fronteira.” (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JJJNNKdFN-4&ab_channel=CidadeAlertaRecord)

Neste momento da reportagem, cenas da rua da UNEI de Ponta Porã e de delegacias da cidade, além de viaturas andando pelas ruas são mostradas sempre que a repórter trás, alguma informação da busca, numa tentativa de mostrar para a população que a polícia está trabalhando arduamente e que por mais que o Maníaco da Cruz esteja foragido, ele logo será encontrado, pois a polícia está em um árduo trabalho de localização dele.

Um oficial da polícia é chamado para contar como estão as buscas, e tranquilizar a população, dizendo que tanto a polícia do Brasil, quanto a do Paraguai estão unidas nesta força tarefa, e que não descansaram até que ele seja detido.

Novamente a câmera volta para a repórter que dá detalhes, dizendo que está cada vez mais próximo o momento de prisão, e que a população poderá ficar tranquila, pois ele logo não estará nas ruas mais.

A reportagem volta pra Marcelo Rezende, que decide repassar uma matéria que foi ao ar em 2008, que explica o caso e traz uma sensação de alívio e histeria, trazendo o próprio Maníaco da Cruz conversando com um entrevistador, e explicando a nível nacional, o porquê cometeu os crimes e porque eles foram feitos de tal forma.

Marcelo Rezende: “Enquanto a justiça discutia, ele foge, enquanto a justiça discute a ele vai novamente a rua para matar.

Matar de uma maneira muito especial, porque especial no sentido da exceção né, imagina, o sujeito com 16 anos de idade começou essa vida e chocou todo um país, porque ele ainda fazia ou a vítima respondendo questionário sobre preferências sexuais; aí eles assim você é uma pessoa impura e matava e tem uma que conseguiu se salvar põe no ar.”

Narração da Reportagem, feita em 2008: “Uma cidade pacata abalada por crimes em série – multidão grita por justiça.”

Entrevistador: “Foi você que cometeu esses crimes, em Rio Brilhante?”

Maníaco da Cruz: “Sim.”

Entrevistador: “Por quê?”

Maníaco da Cruz: "Porque aquelas pessoas mereciam morrer."

Entrevistador: "Elas te fizeram mal?"

Maníaco da Cruz: "Não. Elas não prestavam."

Narração: "Este homem confessou ter matado 3 pessoas, o ritual era sempre o mesmo. a vítima era rendida com uma faca, levada para um local isolado e submetida a uma entrevista. as respostas determinavam se seria morta ou não."

Maníaco da Cruz: "Eu não escolhia, a que aparecia eu pegava. Eu perguntava com quantos anos ela tinha perdido a virgindade. E com quantos parceiros elas mantinham relação sexual."

Entrevistador: "Por que você deixava o corpo naquela posição?"

Maníaco da Cruz: "Porque essas que morreram acreditavam em Deus."

Entrevistador: "Se elas não acreditassem?"

Maníaco da Cruz: "Aí não... teria porquê."

Entrevistador: "Elas morriam porque, elas não eram pessoas puras é isso?"

Maníaco da Cruz: "Isso e porque elas acreditavam em Deus".

Entrevistador: "Então você não acredita em Deus?"

Maníaco da Cruz: "Não."

Narração: "Primeira vítima, Catalino, 33 anos morto num terreno baldio com uma faca no peito encontrado com os braços abertos em posição de Cruz."

Entrevistador: "O Catalino morreu por quê?"

Maníaco da Cruz: "Porque ele era alcoólatra e homossexual."

Narração: Um mês depois outro crime, a frentista Letícia Oliveira, 22 anos, morta por asfixia. O corpo aparece no cemitério, sem roupas e também em forma de Cruz. a última vítima Gleice da Silva, apenas 13 anos de idade.

Maníaco da Cruz: "Foi mais 2 quadras assim onde eu parei ela, com a bicicleta, eu rendi ela com a faca, foi até lá, no terreno baldio."

Narração: A polícia encontrou provas dos crimes no quarto do homem, a blusa e o celular da última vítima, as facas e as luvas usadas nos assassinatos. jornais com notícias sobre as mortes, e um cartão em que ele escreveu os nomes de tuas das 3 pessoas que matou, ao lado de outro nome Carla, aparece então a palavra salva.

Entrevistador: “Então você se arrepende?”

Maníaco da Cruz: “Me arrependo por causa da minha família, mas não me arrependo de ter matado elas e ele não.” (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JJJNNKdFN-4&ab_channel=CidadeAlertaRecord)

Durante essa entrevista, percebemos que o objetivo principal era de mostrar o quão perverso esse *serial killer* brasileiro poderia ser, e que suas reais motivações não são tão claras, pois ele parece se perder durante a sua explicação.

Suas falas são frias e ele não demonstra arrependimento em nenhum momento, e inclusive deixa isso bem explícito, de que a morte das três vítimas era algo consequencial, já que elas não seriam consideradas impuras.

O comportamento frio do *serial killer* é aproveitado pelo entrevistador, já que ele faz perguntas bem diretas sobre os casos, que são prontamente respondidas pelo acusado, que responde sem desvio, e de forma bem direta.

Trazer essa reportagem que já havia sido exibida em 2008 ao ar novamente, faz com que a histeria da população aumente, pois muitas pessoas que não sabiam ou que não se lembravam do caso, retomam a sensação de medo, o que faz com que audiência suba, pois todos com esse temor de que o acusado esteja foragido ainda, faz com que todos queiram saber cada vez mais sobre os detalhes dos crimes que foram cometidos e de como está a sua busca.

Logo, a emissora se aproveita do frenesi que está tomando conta do Estado de Mato Grosso do Sul, e traz o mesmo para o restante do país, auxiliando no surgimento de criação de um comportamento obsessivo de um grupo, que anseia por cada vez mais informações.

4 CAPÍTULO III: UMA ANÁLISE MIDIÁTICA

A análise que seguirá nesta parte é de um canal do *Youtube*, que terá seu nome preservado, mas que no ano de 2023, recontava em um quadro do canal o caso do Maníaco da Cruz e trazia de forma bem fluida os fatos e na cronologia que aconteceram no ano de 2008.

A apresentadora demonstra simpatia e passa algumas informações do canal o que parece ser um tipo de rotina que ela segue e com informações superficiais sobre o caso que será narrado naquele vídeo. Ela apresenta uma voz doce e bem baixa, o que é incomum para esse tipo de conteúdo para canais que monetizam com histórias mais violentas, onde geralmente os apresentadores(as), são tem um visual mais sério e um tom de voz mais fechado e concentrado.

“Oi, cheguei! Bem-vindos a mais um vídeo nesse canal. E hoje, eu vou contar um dos casos que já foi considerado um dos mais bizarros e macabros aqui do Brasil. É uma história real.

E eu vou falar hoje do Maníaco da Cruz. Esse cara é realmente bem louco. Aconteceram coisas bem doidas e ele tá preso até hoje, pra vocês terem noção.”

Logo no início do vídeo a apresentadora demonstra surpresa e tensão, para começar a ambientar seus expectadores sobre o assunto do vídeo, ela faz uso de expressões bem-marcadas e gestos com as mãos para dar ênfase no que está sendo dito.

“E com só 16 anos, ele já tinha tirado a vida de 3 pessoas porque ele considerava elas impuras. Ele achava meio Deus. E ele falava, ah, essa pessoa é pura, essa pessoa não é pura.

E eu posso julgar se ela deve viver ou morrer. Então, já se inscreve nesse canal, se você não for inscrito no canal. Dá um *like* nesse vídeo, pega sua pipoca, prepara seu miojo e vão. Hoje, a gente vai falar de um cara chamado Dhionatan Celestrino.”

Aqui percebe-se todo um cuidado no qual ela tem em não falar de forma livre palavras que possam vir a desmonetizar o seu vídeo, ou atrapalhar que ele seja entregue para o maior número de pessoas possível. Logo em seguida, ela continua com a caracterização da persona em questão.

“Ele nasceu numa cidade chamada Rio Brilhante, no interior do estado de Mato Grosso do Sul. Na infância, ele era um menino bem quieto, antissocial, só tinha um amigo na escola. E ele sempre arrumava briga, confusão com várias pessoas, vários alunos.

Mas enfim, já vou dar um pouco de spoiler do que ele fazia com as vítimas dele. Ele chegava, sequestrava a vítima, tipo, botava em algum lugar. E quando ele chegava nesse lugar, ele fazia meio que um interrogatório com as pessoas.”

Nesta parte, percebe-se que ela tem preocupação de colocar que o comportamento da pessoa em questão era um tanto quanto curioso, e que ele já demonstrava desde a infância um caráter mais recluso, o que poderia ter sido um dos fatores para que ele viesse a cometer os crimes futuramente.

“Ele fazia duas perguntas sempre pra todas as vítimas. A primeira era, como é que é a sua vida sexual, a sua... Como é que... O que você faz? Você já perdeu a virgindade? E dependendo da resposta, ele já tinha, tipo, aí, essa pessoa é impura. Ou, ah, essa pessoa é pura.

E depois ele perguntava se a pessoa acreditava em Deus ou não. Basicamente, depois disso, ele fazia meio que um julgamento dentro da cabeça dele. Se a pessoa era pura, se a pessoa não era pura.

E depois disso, se ele decidia que a pessoa não era pura, ele sacrificava essa pessoa. E deixava o corpo dela em formato de cruz. Por isso que vem o nome maníaco da cruz.”

Vale ressaltar que, ela está fazendo uma interpretação livre das informações do caso, e que algumas das informações contidas nesta parte do relato podem não condizer com o testemunho da vítima sobrevivente, e nem mesmo com o testemunho do maníaco em si. Todavia, é interessante ressaltar, que as escolhas de palavras e expressões que ela utiliza, fazem com que seus expectadores fiquem

presos ao que está sendo mostrado, até porque, juntamente com os relatos, fotos e flashes de reportagens são colocadas, para dar mais credibilidade ao que está sendo falado.

“Porque ele deixava a pessoa reta, com os braços, assim, abertos. A nossa história começa no dia 23 de julho de 2008. Quando a polícia encontra o primeiro corpo.

Que enfim, a gente vai descobrir mais pra frente que foi ele. Mas o primeiro... A primeira vítima dele foi um pedreiro de 33 anos. Chamado Catalino Cardena.

O corpo dele foi encontrado num terreno baldio. E o tórax dele tava com uma faca no meio do peito. E também no peito tava escrito, em corte, né? A sigla INRI.

Que significa Jesus Nazareno, Rei dos Judeus. De acordo com ele, as pessoas que não acreditavam em Deus deveriam morrer. Enfim, vamos pra segunda vítima, que tinha apenas 22 anos.

O corpo de Letícia Neves de Oliveira foi encontrado no dia 24 de agosto de 2008. Ela trabalhava como frentista. O corpo dela foi encontrado num cemitério.

E da mesma maneira que os outros. Com os braços abertos, em formato de cruz. Então aí eles já viram o modo operante do Jonathan.”

Além de relatar como as vítimas foram encontradas e os locais onde elas estavam, além de idade e data dos assassinatos, a apresentadora demonstra a posição de crucificação e chega a mostrar fotos das vítimas nos locais em que foram encontradas, e fotos das vítimas antes dos acontecimentos, essas fotos são facilmente achadas em sites que são especializados em descrever casos criminais. Ela fala com muita veracidade, o que te leva a perceber que uma pesquisa minuciosa foi feita, mas que acabou tornando-se sensacionalista, pois ela não se preocupou em não mostrar mesmo que borradas as fotos dos corpos das vítimas, ou mesmo de mostrar o rosto delas antes do ocorrido, o que torna tudo uma grande *creep* pasta, como se aquelas pessoas que foram mortas não fossem seres humanos.

“Tá, então um assassino foi em julho, o outro foi em agosto. Ele tava num ritmo frenético de *serial killer* mesmo. Em outubro desse mesmo ano, foi encontrado o corpo da terceira vítima.

Que era uma adolescente de 13 anos de idade. Chamada Grace Kelly da Silva. 13 anos! E ele considerou a menina impura.

E o corpo dela também foi encontrado nas mesmas situações das outras vítimas. Durante as investigações, os policiais, os oficiais entraram nas redes sociais de todas essas vítimas. Pra ver se tinha alguma ligação, se tinha alguém mandando uma mensagem.

Ver se tinha alguma pista que podia dizer quem foi essa pessoa. E naquela época se usava muito Orkut. Eu vivi a fase do Orkut, não sei se você já viveu a fase do Orkut.”

O relato da última vítima começa, e ela já traz de início a informação de que ela era a mais nova entre as três que foram encontradas, e que a idade para ela era algo muito chocante, pois o que fica claro, é que para a apresentadora uma pessoa daquela idade não poderia ser considerada impura, já que para ela é praticamente uma criança. Apresentadora destaca ainda, a importância que as redes sociais tiveram para as investigações, pois foi através delas que a polícia conseguiu identificar quem possivelmente era o autor daquela série de crimes que vinham acontecendo em Rio Brilhante.

“Deixa aqui nos comentários se você já usou Orkut, se você sabe o que é Orkut. Não sei, né? Muita gente hoje em dia pode não saber. Enfim, na página da Grace, dessa menina de 13 anos, tinha várias mensagens de amigos.

Que na época você podia escrever na página da pessoa, digamos assim. E aí tinha várias pessoas tipo, ai, que pena que você foi embora, sentimos muito sua falta. Pessoas fazendo declarações pra ela, enfim, que ela tinha falecido.

E tinha uma mensagem que chamou muito a atenção. Não só pela mensagem, mas pelo nome também do perfil. O nome do usuário que escreveu essa mensagem era DogHell666.

DogHell, tipo cachorro do inferno. 666, pra quem não sabe, é o número da besta. Então, é o número do cara lá de baixo, a gente não gosta.

Pelo menos eu não gosto, né? Vai que você gosta, mas eu, o Fernando, não gosto. E ele escreveu a seguinte mensagem. Morto, não recebem *scrap* seus bestas.”

Neste primeiro comentário temos um afastamento da notícia para lembrar de forma nostálgica como era a rede social em questão, além de explicar como eram feitos os depoimentos do Orkut, já que possivelmente alguns de seus seguidores não teriam tido contato com tal rede social, ela explicou também como encontraram o perfil do principal suspeito.

“Tipo assim, falando pras pessoas, por que vocês estão mandando mensagem, e a menina já morreu? Nisso, os policiais resolveram vasculhar também o telefone dela. E no telefone dela, tinha várias ligações de um número específico. E de quem que era esse número? Exatamente, conseguiram descobrir que o número era desse tal Jonathan.

E o perfil, DogHell666, também era do Jonathan. E aí que foram começar as investigações. Encontraram lá na casa dele um canivete sujo de sangue.

E o sangue era do Catalino, que foi a primeira vítima dele. Lembra que eu falei pra vocês que ele tava com uma faca enfiada no tórax? Tinha uma marca de faca. E na casa dele também tinha pertences, tanto da Letícia quanto da Grace.

Na casa dele também descobriram um diário que tinha várias reflexões da vida dele. Ele falava da vida dele e também falava muito da religião cristã. Falando que era o maior mal do século da humanidade.”

A apresentadora dá ênfase no teor da mensagem que foi escrita na rede social da menina que tinha sido a vítima mais recente, pois o comentário dele havia sido o mais frio, e foi justamente por conta deste tipo de comportamento, que a polícia achou suspeito e vasculhou se este perfil, o DogHell666, estaria presente nas redes sociais das outras vítimas e como era de se esperar, ele se encontrava nelas. Ela volta a relatar de forma minuciosa as conexões que a polícia vinha fazendo e como objetos que haviam sumido das vítimas foram encontrados no quarto do suspeito além de um caderno/diário, onde ele relataria as suas inquietações.

“O que não faz muito sentido. Porque, enfim, ele julgava as pessoas como puras e impuras, se elas acreditavam em Deus ou não. Mas ele falava que a religião cristã, uma das maiores maldições da história da humanidade.”

Há certa inquietação neste ponto do vídeo, onde a apresentadora demonstra pura indignação sobre as controvérsias do caso, e aparenta estar irritada com a situação descrita, tanto que ela apresenta a dualidade da situação como algo que não faz sentido, demonstrando claro julgamento e ordem de valor da mesma sobre o caso em si.

“E também foi encontrado um bilhete com o nome de três pessoas. Duas dessas pessoas já eram as vítimas dele. E o terceiro nome era de uma mulher que, enfim, não tinha sido achada.

Ou, enfim, ninguém sabia quem era. Um desses nomes era Carla. E do lado do nome Carla estava escrito ‘Salva’.

E aí que vem a Carla, porque a Carla vai aparecer. Quando um *serial killer*, como, por exemplo, o Lázaro, quando estava solto, todo mundo estava falando, então estava muito na mídia. E nessa época era a mesma coisa, estava todo mundo falando do Maníaco da Cruz.”

Ela usa um tom descontraído para descrever o surgimento da vítima que conseguiu sair viva, e descreve a surpresa que os investigadores ficaram ao perceber que havia uma quarta pessoa que havia tido um encontro com o maníaco, mas que diferentemente das demais, está havia saído com vida e a dúvida que pairava era o motivo dela ter conseguido tamanha façanha.

“E aí que essa Carla vem à tona e fala, enfim, Oi, tudo bom? Eu sou a Carla, eu tive contato com o Maníaco da Cruz e ele me liberou. Ela foi sequestrada pelo Jonathan. E ela ficou mais ou menos umas duas horas sendo interrogada por ele.

Fazendo várias perguntas sobre virgindade, sobre Deus. E durante todo esse interrogatório, ela falou que ela estava sendo ameaçada com uma faca. Que ele estava com uma faca, assim, apontando pra ela.

E disse pra ela que se ela se mexesse, tentasse gritar, tentasse fugir, ela ia ter um fim trágico. Então ela estava ali de boa, só respondendo as

perguntas, tentando ficar de boinha e sair dali. E na intenção dela ficar mais amiguinha dele, tentar, tipo, sabe, se salvar.

Então ela queria criar um laço de afeto ali. Ela perguntou pra ele se ele tinha namorado. E ele falou, não, você acha que alguém namoraria comigo? E ela, né, boba nem nada, ela não ia falar, é, realmente, não acho não.

Ela falou, ah, acho, por que que alguém não namoraria com você? Um moço desse, pimposo, brincadeira, óbvio que ela não falou isso. Mas enfim, ela tentou ficar mais amiguinha dele e no fim das contas, ele deixou ela ir embora. Ela passou no teste de puritanismo.”

A apresentadora utiliza todo o seu carisma e descontração neste momento para abordar uma das entrevistas mais pesadas que foram relatadas pela mídia no ano de repercussão do caso, ela até utiliza de ironia e jogo de palavras para descrever e deixar o clima mais leve e até mesmo com uma pegada de humor em alguns momentos, para que essa parte, assim como todo o desenrolar da história não fique ainda mais pesado, do que já estava.

Ela faz uso de gracejos como “pimposo”, para tentar descrever possíveis elogios que a vítima poderia ter feito durante sua abordagem e deixa subentendidas palavras como faca, na qual não fala diretamente, mas gesticula com a boca, de forma que fique de fácil leitura labial, caso alguém que estivesse vendo, não tenha conseguido compreender do que se tratava.

“Lembrando que ele tinha 16 anos, tá? Vamos deixar bem claro. 16 anos, ele já tirou a vida de uma menina de 13, uma de 22, a de um cara de 33. E quase tirou a vida dessa Carla.

Enfim, quando o Jonathan foi pego, ele confessou todos os crimes. E disse que essas três pessoas que ele matou, apesar de acreditarem em Deus, não prestavam. Outra curiosidade desse caso é que o Jonathan era fã do Maníaco do Parque.

Eu já fiz um vídeo sobre o Maníaco do Parque aqui, inclusive, tá aqui, o link vai estar aqui na bio, se vocês quiserem ver. Ele era fã do Maníaco do Parque. Se tem alguém que já é fã do Maníaco do Parque, já sabe que essa pessoa não bate muito bem, né? E quando ele foi interrogado pela polícia, a polícia falou, ah, você gosta dele, você tem admiração por ele.”

A apresentadora foca novamente na idade do maníaco quando ele cometeu seus assassinatos, é notável que ela fica indignada toda vez que lembra que ele era apenas um adolescente, já que sempre que toca no assunto ela demonstra espanto e até mesmo expressões de incredulidade, o que retorna para seu rosto quando a mesma conta que ele se inspirava no Maníaco do Parque, e aproveita para avisar do vídeo que a mesma tem em seu canal sobre ele, para que seus telespectadores que não conheçam o caso do qual ela está referenciando possam entender a gravidade da informação que ela acabou de trazer.

“Ele falou, sim, eu gosto muito do Maníaco do Parque, mas o meu objetivo é superá-lo. Eu quero ser maior do que ele. Lembrando que o Maníaco do Parque fez 11 vítimas e ele tava só na terceira.

Então, ele queria ultrapassar o Maníaco do Parque e ser pior ainda. Vocês ouviram isso? Meu advogado é o meu senhor. Ele me defende do acusador.

Minha casa é entregue em suas mãos, posso descansar o meu coração. Como ele era menor de idade, quando ele foi preso, ele não podia ir direto pra cadeia. Então, ele teve que ir pro, como é que fala isso, gente? Unidade Educacional de Internação de Campo Grande.

Ele ficou 5 anos cumprindo essa medida sócio-educativa, depois ele ia ter que ser transferido pra outro lugar, porque quando você faz 21, você tem que ser transferido pra outro lugar. Os laudos médicos diziam que ele sofria de esquizofrenia. Então, ele tinha que ir pra um hospital psiquiátrico.”

O vídeo continua com a mesma continuando a sua indignação, pois supostamente o Maníaco da Cruz, teria dito que seu objetivo é superar seu ídolo, e que para isso, o mesmo teria que cometer pelo menos um assassinato a mais, o que traz a expressão de incredulidade na apresentadora, pois aparenta que nem ela consegue acreditar no que está narrando; neste momento a mesma demonstra medo já que um barulho é feito em sua casa e ela começa a cantar um louvor, talvez como forma de proteção, ou até mesmo para que ficasse mais calma, já que possivelmente não seria nada de grave, logo ela continua a sua narração do que aconteceu com o Maníaco depois que ele foi preso e condenado.

“Só que nenhum hospital, tanto em Mato Grosso como em São Paulo, quis receber ele. Tava todo mundo tipo, não, maníaco da cruz, pode deixar

em algum lugar, porque a gente não quer não. Eu acho, na minha humilde opinião, que tinham que aceitar sim.

É um paciente mesmo que, enfim. É um paciente, mas tá, quem sou eu pra falar alguma coisa? Enfim, nessa vibe de ficar esperando pra ser transferido de um lugar pro outro, tarará, tarará, ele fugiu. Quando a galera lá da UNEI, que era o lugar onde ele tava, foi questionada, tipo, bem, como é que ele fugiu? O que aconteceu? Falaram que ele tinha um excelente comportamento, ele sempre acatava tudo que era pedido pra ele, recebia as visitas de boa.”

Neste ponto percebemos uma crítica ao sistema prisional e ao sistema de saúde, quando a mesma mostra indignação, que mesmo sendo laudado, hospitais psiquiátricos não queriam aceitar a internação dele, por conta do histórico que o mesmo apresentava, ignorando o fato de que ele precisava de auxílio médico, essa frustração fica bem evidente na fala da apresentadora, já que a mesma deixa bem claro que ele deveria sim ter recebido tratamento, e que foi feito um certo descaso com ele e que por conta desta situação a fuga que viria a ocorrer demorou tanto para ser percebida.

“Só que depois que ele viu que ele já tinha cumprido a pena dele, que não era mais pra ele tá ali, só tavam, tipo, meio que enrolando ele pra levar ele pra outro lugar ou pra liberar ele, ele começou a não participar mais das atividades, começou a ficar mais quieto, começou a não respeitar ninguém, a ser um pouco mais agressivo. Enfim, como um maníaco tava foragido, o Estado inteiro ficou completamente em surto. Ficou tipo, meu Deus, ele está foragido, ele está solto, o que a gente vai fazer? O governo, inclusive, chegou a pedir ajuda pro Paraguai, porque a UNEI, que é o lugar onde ele tava, ficava em Ponta Porã, que fica bem na divisa ali pro Paraguai.

Então, enfim, tinha polícia especializada em vários lugares, tinha foto da cara dele em vários cartazes espalhados por todo lugar. Foi uma loucura. Em Rio Brilhante, que era a sua cidade natal, onde as pessoas achavam que ele poderia voltar, o prefeito da cidade recebia pelo menos 30 ligações por dia das pessoas querendo notícia, sabendo onde ele tava, que as pessoas estavam realmente com medo.

Os alunos que estudavam à noite foram recomendados, foram aconselhados a não irem pra escola. A galera começou a ficar em casa, com medo de sair. Depois de dois meses, um casal de brasileiros que

morava lá no Paraguai ligou e denunciou, falando que ele tava por ali e a polícia foi atrás e, de fato, ele tava.

E ele foi capturado de novo no dia 27 de abril de 2013, na cidade de Orqueta, no país vizinho. Ele foi levado pra Santa Casa de Campo Grande e depois pra um sistema penitenciário. Em 2015, ele teve um surto psicótico e agrediu, partiu pra cima de um agente penitenciário.”

Ela continua trazendo informações sobre a fuga e de como ele foi encontrado em outro país, no caso, Paraguai, e que durante a sua fuga o caos começou a se formar no estado de Mato Grosso do Sul, já que ninguém sabia onde o Maníaco estava e nem quais eram os seus planos, se seria apenas fugir e se esconder, ou voltar a cometer a sua série de assassinatos, a histeria que estava se formando era tamanha, que até mesmo as aulas noturnas estavam sendo suspensas, e os alunos estavam sendo desaconselhados a comparecerem e os cidadãos de Mato Grosso do Sul de transitar à noite pelo estado, já que ninguém sabia o paradeiro do mesmo. Imagens sobre as reportagens são colocadas em tela, enquanto ela fala, para trazer realidade para o que ela está falando, esse é um recurso bastante explorado por ela, já que a todo momento fotografias e recortes de jornais são colocados em paralelo com as falas da apresentadora.

“Ele tava negando tomar os remédios dele, fez greve de fome. Em agosto de 2016, ele teve outro comportamento agressivo, depois que, enfim, acabou o banho de sol. E na hora de voltar pra cela, ele se recusou a entrar na cela, falou que ninguém ia botar ele na cela, pegou um garfo, como o ar, e falou que ia furar qualquer pessoa que chegasse perto dele.

Enfim. Mesmo depois de ser imobilizado por três agentes penitenciários, três, não um, não dois, três, ele disse a seguinte frase, “Eu mando na cadeia, eu mando no juiz, na promotora, eu dou ibope pra TV, eu vou f*** com a sua vida. Se eu te pegar, eu tiro a sua vida.” Enfim, ele ameaçava as pessoas loucamente, como se não fosse nada.

Agora, a gente não tem muitas informações dele, só que ele continua preso e vai continuar preso, porque ele é uma ameaça pra sociedade, ele não consegue viver em sociedade. Ele também foi diagnosticado com um transtorno de personalidade antissocial e é um homem s***, em sério. Enfim, zero tranquilo, zero leve, Maníaco da Cruz não é uma pessoa que a gente gosta e que a gente quer ver por aí.

Mas, enfim, me deixa saber aqui nos comentários o que você achou dessa história, o que você acha desse cara. Enfim, você acha que ele tem que ser solto, que ele tem que ser preso? Vamos fazer um debate aqui nesses comentários. Dá um like nesse vídeo se você gostou desse vídeo, manda pros seus amigos pra todo mundo saber da história dele.

Inclusive, se vocês quiserem um presentinho de Natal ou um negócio assim, ó, Fefe Merch tá online, hein. Só clicar no link aqui embaixo ou mandar mensagem, lá na DM do Fefe Merch. Ou no Naira Ponte de Joias.

E é isso, gente. Espero que vocês tenham gostado. Me digam se vocês querem voltar aqui embaixo.

Um beijo, fiquem com Deus. Fui!"

Nos últimos minutos do vídeo a apresentadora traz notícias mais recentes de como ele está sendo mantido no sistema prisional e de como ele tem se comportado dentro do presídio, relatando brigas e desentendimentos com os guardas, pelos mais diversos motivos, desde se recusar a tomar a sua medicação, já que aparentemente ele segue com tratamento psiquiátrico, e até mesmo por se recusar a sair ou voltar para a sua cela. Nos últimos segundos de vídeo ela aproveita para fazer uma pequena publicidade, numa tentativa de amenizar o clima de tensão que se formou com toda a narração do caso, pede inclusive sugestões para novos casos para seu canal para novos vídeos.

5 CAPÍTULO IV: CONSTRUINDO O PERFIL DE UM ASSASSINO EM SÉRIE

5.1 UM SER DE VÁRIOS VOLUMES

Quando pensamos em um *serial killer*, logo conectei as suas feições às suas atividades, assim muitas vezes não se compreende o caso e nem o que motivou realmente o indivíduo a cometer tais atos e só estamos interessados em detalhes mórbidos do crime em questão. Mas parando e compreendendo a complexidade da situação, surgem vários volumes em que a situação está inserida.

Esses volumes, entendidos como tais e não em relação a uma explicação causal de ordem biológica, física ou química, que não descreverei “mergulhando” em, por exemplo, a estrutura neuronal ou muscular, para manter o foco na escala antropológica especificamente, são necessárias para os antropólogos. (PIETTE, 2019, p.3)

Volume é um termo que foi criado por Piette, em que ele descreve que os seres humanos são cheios de camadas e em cada camada existe uma complexidade de elementos que moldam as várias faces que demonstramos.

Num momento de presença, é possível recuperar alguns tipos de compreensão das relações entre os volumes. Essas relações podem ser:

– Uma causalidade ou uma cadeia de volumes, por exemplo, quando um desejo, uma intenção ou um pensamento desencadeia uma ação que gera outro sentimento e assim sucessivamente, a partir de séries de ações inter-relacionadas de forma mais ou menos automática ou consciente. (PIETTE, 2019, p.4)

No primeiro volume encontramos um personagem, que é fissurado com o caso do Maníaco do Parque, um assassino em série, que fazia as suas vítimas no estado de São Paulo, e que matou sete mulheres, claro que as motivações foram diferentes, mas o que inspirava a quantidade de crimes era superar esse *serial killer* em questão.

No próximo temos um indivíduo que era motivado por ter um instinto de protagonista, sentimento esse no qual ele acreditava que apenas ele seria capaz de

aniquilar todo o mal no qual as vítimas estavam inseridas. Esse protagonismo torna-se perigoso, pois tudo o que o indivíduo fez com que ele acreditasse que seria o único capaz a solucionar as situações problemáticas que estavam ao seu redor, logo esse protagonismo faz com que ele se sinta um super-herói, um indivíduo solitário que consegue solucionar os problemas de sua cidade.

No volume seguinte temos um ser religioso, que acredita ser o escolhido por suas virtudes, e que apenas ele será o capaz de purificar as vítimas através de um ritual, no qual componentes religiosos estão inseridos, componentes esses que ele acreditava que seriam possíveis de salvação.

No penúltimo volume temos um ser com medo, medo esse que o leva a cometer loucuras e construir as camadas de fora, pois a sociedade na qual ele está inserido é demais para que ele possa acompanhar, assim, não tendo outra solução a não ser fechar seu consciente e viver uma fantasia, na qual ele conseguiria modificar o mundo através de seu ritual e estabilizar tudo aquilo que ia contra o seu conforto, modelo típico para alguém mentalmente instável.

Esse último volume é o que mais foi analisado por vários médicos psiquiatras, o que fez com que o *serial killer* sul mato-grossense acumule diversos laudos psiquiátricos, que tentam justificar suas façanhas e justificar o porquê de ele ter que continuar recluso da sociedade.

Tais laudos foram feitos por profissionais diferentes, o que prova, que mesmo que o motivo/transtorno em si, não tenha um consenso, o que todos que tiveram contato com o caso dizem que ele não tem instabilidade mental para voltar a conviver em sociedade, pois se o colocarmos em convívios com outros indivíduos que coloquem em xeque a sua realidade, ele poderia voltar a cometer os seus crimes, com isso, logo temos uma justificativa para mantê-lo recluso, mesmo que isso vá contra a própria legislação.

Esses volumes que foram citadas acima podem ser observadas em entrevistas que foram ao ar na época em que o indivíduo foi preso, tanto da primeira vez, quanto depois de sua captura depois de uma fuga planejada por ele dentro da prisão.

5.2 UM ABANDONO SOCIAL

Quando colocamos uma pessoa em reclusão, logo pensamos que estamos fazendo isso para o bem maior ou que aquela pessoa precisa daquele tempo em reclusão para que possa pensar no que ela está fazendo. Todavia, nos esquecemos do impacto que essa exclusão social pode causar na vida deste indivíduo, o que para muitos casos pode significar uma viagem sem volta, pois muitos destes indivíduos não terá recursos e nem suporte para conseguir regressar.

Segundo Biehl (2005) o Vita é um local de descarte de lixos humanos. Esse pensamento podemos pensar que os locais de isolamento social são encarados da mesma forma, pois muitos das pessoas que ali estão inseridos são colocadas neste local, pois não os querem em sociedade por encararem elas como dejetos humanos que ali não incomodariam ninguém. São pessoas que a sociedade decidiu que o melhor a se fazer era excluir, torná-las invisíveis para que os “problemas” que foram causadas por elas não aconteçam mais e dessa forma tornar a sociedade segura novamente, pois não teriam essas pessoas indesejadas para interagir.

Esses locais para descarte de pessoas indesejadas sempre existiram durante a história, conforme os séculos foram passando as pessoas que iam sendo “descartadas” tiveram os seus perfis modificados, tivemos pessoas com lepra, tidas como malucas, com peste, deficientes e criminosos sendo colocados nestes locais como justificativa para a paz geral, sendo apenas uma forma de justificar os preconceitos que a sociedade constrói.

Logo não se questiona a justiça em si, apenas a forma como a sociedade no geral enxerga este local, se pensarmos neste local como um lugar temporário para a reabilitação de pessoas que tiveram comportamentos inadequados estaremos nos aproximando mais do que realmente deveria ser o sistema prisional, mas se encararmos o local como um depósito apenas de todos aqueles que não deveriam ser vistos em sociedade.

[...] a penalidade não “reprimiria” pura e simplesmente as ilegalidades; ela as “diferenciaria”, faria sua “economia” geral. E se podemos falar de uma justiça não é só porque a própria lei ou a maneira de aplicá-la servem aos interesses de uma classe, é porque toda a gestão diferencial das

ilegalidades por intermédio da penalidade faz parte desses mecanismos de dominação. (FOUCAULT, 1987, p.300)

Neste trecho de Vigiar e Punir, é nítido que as penalidades e restrições de liberdade, não são feitas ao acaso, elas servem aos interesses de uma classe, geralmente a dominante, onde as punições vem como uma forma de agradá-las, trazendo a punição como uma forma de dominação, pois as regras que se aplicam em outras classes, muitas vezes não serão aplicadas com o mesmo rigor para estas que auxiliam e fazem da justiça uma ferramenta de suas vontades.

Quando Biehl (2005) diz, que o Vita é o local onde percebe-se como o ser humano trata o ser humano, percebemos em como o ser humano pode ser cruel e esquecer que ali está um semelhante seu, e que aquele ser a sua frente tem que ter a sua dignidade respeitada assim como a sua humanidade, e não tratado como dejetos.

Como forma não de reintroduzir estas pessoas que cometeram erros em sociedade, mas sim uma forma rápida e prática de se livrar de tudo o que não querem ver ou ao menos se preocupar em seu meio social, de forma que, privando-as da liberdade é o melhor para todos.

Um bom exemplo de como causamos esse abandono social e como ele acontece e como ele é pautado em justificativas que parecem ser racionais, mas que não seguem outros caminhos, já que muitas vezes as pessoas que se encontram em reclusão são pessoas indesejadas na sociedade e que são colocadas em confinamento como forma de solucionar problemas que a sociedade não quer realmente solucionar, ou que parecem não ter solução.

“Reporter: O acusado entrou pela parte dos fundos do Fórum de Dourados e escoltado por policiais civis e militares à Paisana. Um forte esquema de segurança foi montado para que o jovem, 19 anos, acusado de três assassinatos no município de Rio Brilhante, quando ainda era menor, fosse avaliado por um psiquiatra. Menos de uma hora de entrevista e o acusado saiu da sala de perícia com o rosto coberto por uma blusa com capuz.”

“O médico que avalia o perfil de psicopata do jovem diz que mesmo após anos de internação, ele se mantém como uma pessoa introvertida. “

“Psiquiatra: O procedimento agora é estudar um pouco mais o processo, estudar um pouco mais tudo que nós tivemos aqui de conversa, solicitar uma avaliação, alguns testes que eu vou definir ainda, solicitar para o psicólogo que seja cadastrado do Tribunal de Justiça.”

“Reporter: O jovem, que era adepto ao estilo gótico e que após assassinar suas vítimas e colocá-las em posição de cruz sobre os túmulos de cemitérios em Rio Brilhante, onde morava, permanece na UNEI, Unidade Educacional de Internação de Ponta Porã.”

“Como já alcançou a maioria, por lei, ele deveria ser liberado. O pedido de habeas corpus, no entanto, foi negado pelo juiz da Infância e Juventude de Ponta Porã e pelo Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul. Liberdade ou a internação num hospital psiquiátrico do Estado? O destino do jovem, que ficou conhecido como Maníaco da Cruz, continua indefinido.”

“Segundo a Justiça, ele terá ainda de passar por vários exames psicológicos, que vão comprovar se ele representa ou não risco à sociedade. Para esse advogado criminalista, não há que se falar em tratamento psiquiátrico.

“Advogado Criminalista: Eu vejo imprescindível a aplicação de medida de segurança e internação num manicômio judiciário, sob pena de colocar esse rapaz na rua e ele voltar a cometer o mesmo delito, da mesma forma e do mesmo tipo.”

“Reporter: A história do Maníaco da Cruz, conforme relata o advogado, se assemelha a demais casos de grande repercussão no país, em que se trata de acusados menores com perfil de psicopatia e que praticam crimes com requintes de crueldade. Mas o que diferencia é que o Maníaco da Cruz não tinha nenhuma motivação para os assassinatos.”

Advogado Criminalista: Ora, qual foi a motivação para o Maníaco da Cruz? Ele furtou o quê? Ele roubou o quê? Ele violentou o quê? Em nada, aparentemente, não existe um motivo para a prática do delito.” (Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ksE3RGVUrtY&ab_channel=SBTMS)

A fala do delegado deixa claro o abandono social que Biehl se refere, pois o mesmo deixa claro que um dos motivos principais para que o Maníaco seja mantido preso é falta de justificativa para seus crimes.

A mídia, não apenas a de Mato Grosso do Sul criou uma atmosfera de medo e casos para vender as notícias que rodeiam o caso do Maníaco da Cruz, que mesmo passados mais de uma década, ainda continua causando curiosidade e espanto.

Como foi descrito por Goffman, um simples gesto não realizado da maneira como deveria poder transformar toda uma encenação em algo que não acreditável, como se um único movimento das mãos, que é realizada em uma fração de segundos, fosse realizada em outro momento, causaria uma interpretação completamente diferente da plateia, o que poderia causar o efeito contrário do que é desejado.

Contudo, os gestos involuntários são colocados para chamar a atenção de quem está assistindo as notícias através das mídias digitais, o que faz com que esses mesmos gestos são colocados como declarações não verbais, mas intencionais. Goffman, deixa claro neste pensamento, que tudo o que está envolto em uma notícia, na forma como a conduzimos está ali por alguma razão, que pode ser tanto aflorar alguma reação, quanto simplesmente prender a atenção de quem está consumindo as notícias.

Os gestos involuntários, as intromissões inoportunas e os “faux pas” são fontes de embaraços e dissonâncias que não estavam nos planos da pessoa responsável por eles e que seriam evitados se o indivíduo conhecesse de antemão as consequências de sua atividade. Entretanto há situações, frequentemente chamadas de “cenas”, nas quais o indivíduo age de modo a destruir ou ameaçar seriamente a aparência de cortesia da convivência, e embora possa simplesmente não agir com o objetivo de criar tal dissonância, age sabendo que há probabilidade de haver como resultado esta espécie de dissonância. (GOFFMAN, 1956, p. 193)

Ele pede então, para que ao usar os gestos como forma de composição de cena, para que os indivíduos que fazem o uso de tais sinais sejam prudentes e que não extrapolem em sua utilização, pois eles podem acabar tendo o efeito reverso, o que causaria um afastamento do público e não a conclusão da ideia inicial, que seria prender a atenção do público.

Todo o cenário que foi construído então para que fosse reforçado a mensagem que, está sendo passada, como forma de alimentar e alienar os espectadores para a histeria coletiva que foi criada nestas cenas, sempre colocando um tom de sobriedade e veracidade no interlocutor, para que a população não pudesse de forma alguma questionar o que estava sendo transmitido e acreditasse piamente nas palavras escutadas.

Este cenário reforça a ideia do abandono social, pois a população envolta num sentimento de impotência e medo,, não acha outra solução a não ser a do isolamento compulsório destes indivíduos que são indesejáveis para a sociedade e acabam sendo colocados em locais muitas vezes insalubres, com a justificativa de que essas condições inumanas são as adequadas e merecidas para aqueles que cometeram alguma infração, ou que simplesmente não se adequam ao comportamento da maioria e acabam sendo exilados de forma obrigatória da sociedade por tempo indeterminado.

Biehl ressalta, que ao fazermos esse isolamento compulsório não estamos ajudando em nenhum momento tanto esses indivíduos, quanto a própria sociedade, um exemplo que ele traz é o Vitta, que é um local, onde os indesejados são deixados para serem esquecidos, mas que isso não resolve o problema de fato, pois aquelas pessoas continuam com as suas questões e os problemas que elas personificam continuam a existir e serem manifestados em outros indivíduos, logo, percebe-se que o isolamento compulsório não é uma forma de solução dos problemas, ora que é uma forma apenas de fingir que aqueles comportamentos não existem.

Estes casos de afastamento compulsórios só reforçam a ideia de que a sociedade não está pronta para solucionar de fato alguns comportamentos, que são considerados um risco para a segurança de toda a estrutura social, seja ela feita de forma direta ou indireta.

O caso que foi analisado em questão é um dos mais enigmáticos, pois ele coloca contra a parede todo um sistema, pois ele vai contra a própria legislação, pois como o Maníaco da Cruz havia cometido seus crimes quando era menor de idade, o mesmo deveria estar em liberdade já que de acordo com a constituição o mesmo já teria cumprido o tempo de reclusão necessário, entretanto, esse não é o único caso

no Brasil que gera certa indignação, pois há outros casos de adolescentes que foram julgados e que deveriam estar em liberdade, mas são colocados em regime de internação permanente, porque aparentemente voltariam a repetir seus atos, ao não seriam aceitos pela sociedade novamente.

Fazer funcionar contra ela mesma a força que levou ao delito. Dividir o interesse, servir-se dele para tornar temível a pena. Que o castigo o irrite e o estimule mais do que o erro que encorajara. Se o orgulho fez cometer um crime, que seja ferido, que se revolte com a punição. A eficácia das penas infamantes é se apoiarem sobre a vaidade que estava na raiz do crime. Os fanáticos se glorificam tanto de suas opiniões quanto dos suplícios que suportam por elas. Que se faça então funcionar contra o fanatismo a teimosia orgulhosa que o sustenta: “Comprimi-lo pelo ridículo e pela vergonha; se humilharmos a orgulhosa vaidade dos fanáticos diante de uma grande multidão de espectadores, devemos esperar efeitos felizes dessa pena”. De nada serviria, ao contrário, impor-lhes dores físicas. (FOUCAULT, 1999, p.115-116)

Neste trecho de vigiar e punir, percebe-se a necessidade da punição como forma de reforçar que os atos cometidos devem ser punidos, para que outros não consigam cometer os mesmos atos, mesmo que tenham a ideia, pois, quando são descobertos serão punidos, e essa punição é considerada vexatória, já que a exposição que terão perante a sociedade fará com que fiquem com vergonha e comecem a repensar seus atos.

O caso em questão demonstra que a punição empregada em casos de assassinos em série. Onde eles são colocados como exemplo, mostrando que mesmo que seus atos tenham ficados impune, uma hora foram descobertos e acabam sendo punidos, mesmo que essa punição tarde a chegar, uma hora ela chega e eles são expostos para que sirvam de exemplo.

Os casos em questão acabam chocando a sociedade pela barbaridade em que foram cometidos, e a crueldade que está inserido, mesmo assim acabam ficando amplamente conhecidos, para que o choque na sociedade fique ainda maior, e que aqueles que julgam os atos acabam como os benfeitores e os indivíduos que os cometeram como pessoas más, desprovidas de qualquer sentimento e taxadas

como pessoas monstruosidades, que devem ficar longe do convívio social, pois serem consideradas perigosas.

Entre as penas e na maneira de aplicá-las em proporção com os delitos, devemos escolher os meios que causarão no espírito do povo a impressão mais eficaz e mais durável, e ao mesmo tempo a menos cruel sobre o corpo do culpado. (FOUCAULT, 1999, p.115)

Ao analisarmos a forma como as punições são aplicadas, percebemos que elas são divulgadas, assim como os casos e seus detalhes, como forma de garantir que as penalidades e internações permanentes, mesmo que elas sejam vistas legalmente, como inadequadas, pois muitas vezes esses indivíduos são mantidos em cárcere, mesmo após o cumprimento de suas penas, talvez uma forma de mostrar que o Estado não sabe o que fazer realmente com esses indivíduos e que também acaba tornando-se uma forma de demonstrar que os mesmos estão sendo punidos da forma mais rígida que poderiam, que é não serem readmitidos em sociedade, pela mesma acabar repudiando-os.

Esse cárcere compulsório, seja em uma ala penal comum ou psiquiátrica, como forma de demonstrar ainda o poder que o Estado exerce sobre os corpos que ali estão detidos, forma essa de demonstrar o poder que o Estado tem sobre todos e que ele pode a qualquer momento exercer esse poder de forma direta ou indireta, sem que possamos fazer qualquer coisa.

A simples ideia de que é necessária essa penalidade permanente realça a ideia de que em determinadas situações o melhor a se fazer é a abdicação do ser, ou seja, simplesmente colocarmos um indivíduo em um determinado local, sem realmente acharmos uma solução para toda a situação envolvida, como se ela de fato fosse insolúvel, e que para o bem da maioria da sociedade e segurança, a única solução seria isolar a essa pessoa, quem sabe a tal ponto que até esquecessem que ela se quer tenha existido.

É preciso que, à ideia de cada crime e das vantagens que se esperam dele, esteja associada a ideia de um determinado castigo, com as desvantagens precisas que dele resultam; é preciso que, de um a outro, o laço seja considerado necessário e nada possa rompê-lo. Esse elemento geral de certeza que deve dar eficácia ao sistema punitivo implica num certo

número de medidas precisas. Que as leis que definem os crimes e prescrevem as penas sejam perfeitamente claras, “a fim de que cada membro da sociedade possa distinguir as ações criminosas das ações virtuosas”. (FOUCAULT, 1999, p.115-116)

Para então o medo na sociedade do esquecimento, pois como uma das soluções encontradas é o isolamento permanente, logo, acabamos cumprindo as regras que a nós são impostas não pelo fato de realmente concordarmos com elas e sim pelo medo de sermos deixados de lado para sermos esquecidos, como se a nossa existência não tivesse importância para ninguém.

O que fica claro, é que a mídia sul-mato-grossense se aproveitou dos sentimentos conflitantes da população sobre o caso, por se tratar de uma adolescente que se tornou um assassino em série, o que faz com que a população não tenha um sentimento certo sobre o caso em si, pois por mais bárbaro que tenha sido. O caso todo trás controvérsias, pois assim como casos famosos de adolescente que foram presos, não sabem ao certo o que fazer com eles de fato, e acabam indo contra a própria legislação e continuando o cárcere deles, mesmo que legalmente eles tenham cumprido suas penas.

A mídia se aproveita do medo da população para que consiga controlar, mesmo que momentaneamente, para isso ela utiliza dos pormenores do caso e faz com que a população fique obcecada em se informar por todos os detalhes do caso, mesmo o menor deles, para que eles assim tenham a falsa sensação de controle sobre o que está acontecendo e consigam manter a calma, mesmo que esse controle não exista realmente.

A população logo, consome tudo o que produzem sobre o caso e acabam procurando cada vez mais atualizações sobre ele, para que tenham certeza de que o indivíduo em que estão interessados esteja no local que acreditam que deixaram na última atualização, para que possam manter o controle que acham que tem sobre esse corpo que está em momento sobre cárcere.

Foucault traz em *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*, uma análise de laudos e documentos sobre o caso de Pierre Rivière, sobre o porquê de ele ter assassinado sua mãe e irmãos à sangue frio, e como ele

revelava suas motivações e não demonstrava nenhum tipo de remorso pelo que havia feito.

[...] Porém, pressionado pelas perguntas, Rivière abandonou este argumento e declarou que quis “livrar seu pai de uma mulher cruel a que desprezava-o de tal forma que às vezes ele era tentado a se suicidar”. Acrescentou que matara sua irmã Victoire por ter ele tomado partido da mãe, e dava como motivo o assassinato do irmão o amor que este dedicava à irmã e à mãe. Ele fez então, com ordem e método, uma narrativa minuciosa dos inúmeros vexames que segundo ele o pai sofrera por parte da mãe, desde os primeiros dias de seu casamento. (FOUCAULT, 1977, p.38)

Neste trecho Rivière revela que não se arrepende de seus crimes pois acredita que suas motivações são bem passíveis e que o amor e apreço que sentia pelo pai é mais que justificativa para que seus atos sejam compreendidos e que a mãe não passava de uma megera que queria o mal do pai, que segundo o mesmo era um homem bom que não merecia as humilhações que ela o fazia passar.

A questão que estou levantando é que mesmo que para quem analisa de fora, os motivos não são viáveis, para a pessoa que os têm, eles são a base de todo o desenrolar de suas ações, de forma que para ele elas são mais do que justificativas para os atos cometidos e que se fosse qualquer pessoa teria feito o mesmo como é dito pelo próprio Rivière, que não se importa com o que vai acontecer com ele, pois seus objetivos já foram concluídos.

[...] Disseram-me para por todas essas coisas por escrito, e eu o fiz; agora que dei a conhecer toda a minha monstruosidade, e que foram dadas as explicações de meu crime, eu aguardo o destino que me é reservado, conheço o artigo do Código Penal referente ao parricídio, e eu aceito para expiação de minhas culpas; [...] (FOUCAULT, 1977, p. 112)

Assim percebemos que justificativas para os atos que foram cometidos e para o cárcere compulsório são colocados tanto no caso de Rivière, quanto do Maníaco da Cruz, como o melhor para a sociedade, pelo menos em suas narrativas, um cometeu seus crimes para libertar seu pai dos abusos que supostamente sua mãe

cometia com ele, o segundo tinha como finalidade trazer a liberdade para as vítimas, mesmo que suas ações tenham sido consideradas frias e cruéis.

A motivação muitas vezes acaba consumindo os indivíduos de modo que eles acreditam piamente que apenas com tais ações que a sociedade ficará melhor, mesmo que venham a expressar arrependimento ou não depois, no momento de seus atos eles estão inseridos em um torpor de realização de seus ideais, o que torna todos os seus passos robóticos, pois eles apenas seguem com o que planejaram de forma que nos leva a acreditar, que não estão refletindo sobre o que estão fazendo naquele momento.

A mídia pega então os atos cometidos, esmiúça até o mais profundo de forma a controlar a população que consome aquelas matérias a pensar da forma que ela quer que eles reajam, e em seguida sempre traz fragmentos da notícia, como se fossem de extrema importância para a vida de quem consome tais notícias, para criar a ilusão de que seus leitores são melhores que os indivíduos pelos quais criou-se um fascínio, mesmo que momentâneo, que se têm o controle do que está acontecendo e que o próprio Estado sabe o que fazer e como nos proteger, mesmo que para isso ele precise causar medo em uma parcela da população, para que a mesma o veja “agir”, e assim criar o falso senso de proteção estatal, que nos leva a acreditar que aqueles atos foram um caso isolado e que não voltaram a se repetir, pois agora sabe-se quais serão as consequências, para quem ousar repeti-los.

6 CONCLUSÃO

Comecei minhas discussões com Émile Durkheim e Mary Douglas, que traziam elementos super importantes para a fundamentação inicial da pesquisa, pois esses pensadores contribuíram para a análise dos elementos totêmicos presentes no caso do Maníaco da Cruz, onde eles foram analisados através do ritual e dos símbolos que eram utilizados durante os assassinatos (colocar os corpos em forma de cruz) e como esses elementos foram importantes para a repercussão do mesmo, que revelam de forma concreta a profanação de rituais tido como sagrados, mas que retirados dos contextos que são comumente usados acabam formando a ideia de que tais símbolos não são de um imaginário religioso corriqueiro e sim de sua ausência. Essa dualidade do que é profano e sagrado, está sempre pairando no caso, onde vários elementos que são colocados como profanos, ou como eram popularmente chamados, satânicos.

Para compreender o papel que as redes sociais tinham como espaço de construção de identidades e pensamentos, utilizei Segata, mais precisamente seu estudo sobre o Orkut, que auxiliou na forma como certos comentários e construção de conteúdos são feitos para entretenimento e validação de um grupo seletivo de indivíduos que se identificam e acabam fazendo do ambiente virtual um local “seguro” e até mesmo permissivo de suas opiniões, podendo estes despejar-se sem medir as repercussões que as mesmas trarão, pois como nestes ambientes encontram-se normalmente pessoas com o mesmo pensamento, é normalizado que os comentários sejam mais diretos, frios e até mesmo cruéis.

A utilização da ciberantropologia, foi uma ferramenta fundamental para a realização da pesquisa, pois é no virtual que as repercussões mais “afiadas” e sem poder ocorrem, é o local onde as pessoas expressam suas opiniões livremente e sem demonstrar medo, um local onde podem demonstrar empatia, medo, raiva, agressividade, nojo, crueldade, sem medo e sem receios pois seus rostos não estão sendo vistos então suas opiniões estão menos polidas e cuidadosas.

Para representar as várias camadas desse caso e tentar compreender suas nuances Albert Pietti foi fundamental, pois sua ideia de volumentosa fez com que houvesse um aprofundamento no caso e eu não ficasse apenas observando sua

superfície, foi fundamental para que o trabalho começasse a se tornar mais profundo, o que somado aos pensamentos de João Biehl só colaborou para compreensão da complexidade da situação, não apenas dos acontecimentos primários, mas também para o pós acontecimentos, onde podemos analisar como está a vida do Maníaco da Cruz, desde que a medida socioeducativa foi decretada.

Para compreender a súbita manifestação de repetição comportamental de um grupo, onde eles demonstravam falas e reações parecidas, e em alguns casos até mesmo pânico e medo, utilizei Freud, pois acredito que seus estudos sobre histeria coletiva enriqueceriam e auxiliariam um novo olhar para o trabalho, contudo, os estudos foram utilizados com um olhar de comportamento adquirido em grupo e não sob um olhar patológico.

A escolha de analisar entrevistas, notícias, canais do *Youtube* e comentários deixados em sites de true crime, foi uma tarefa árdua e desafiadora, e para ter um norte, ou seja, uma direção a seguir, utilizei os estudos do caso de Pierre Rivière de Foucault, onde ele analisava os laudos médicos, e as transcrições deste caso, para sua compreensão. Mas, este não foi o único livro de Foucault que foi utilizado, pois, *Vigiar e Punir* também esteve presente nas discussões desta dissertação.

Com os estudos de Suely Kofes pude compreender como os indivíduos compreendem as situações que estão vivenciando e como essas vivências acabam influenciando o social e acabam moldando uma visão coletiva, pois foi feita com a externalização das vivências de indivíduos que estão inseridos no mesmo grupo.

As análises midiáticas contaram ainda com as ideias elaboradas por Clifford Geertz (*Ponto de vista do nativo e Descrição Densa*), auxiliaram na execução das transcrições e análise delas de uma forma mais polida, deixando de ser apenas uma análise superficial e tornando-se uma análise mais relevante e incisiva.

Diante de tudo o que foi dito, posso concluir dizendo que o caso do Maníaco da Cruz, não foi um fenômeno isolado, pois ele se baseou em outros casos de “sereais killers” brasileiros, como o Maníaco do Parque, o que acaba intensificando tensões sociais e que estão ligadas profundamente à ideia de moralidade, tanto a sua construção, quanto seus limites; além de mecanismos de controle social e na modificação do comportamento humano através do meio virtual, que acaba nos

fazendo mudar e criar comportamentos, que não seriam passíveis de existir sem esse meio de transmissão de informações.

Assim, este trabalho contribui com a reafirmação de que a antropologia é uma ciência ampla e que pode fugir do que é tido como convencional, podendo explorar temas que envolvem horror, medo, morte, moralidade e profanação, é o local onde esses temas se entrelaçam e podemos ousar seguir um novo olhar, que foi o que foi buscado neste trabalho, fugir do que era corriqueiro, trazer um novo olhar sobre o caso do Maníaco da Cruz, não tratando ele como um caso isolado e sim como uma ocorrência da vida em sociedade, onde lutamos para compreendermos e controlarmos o surgimento de comportamentos popularmente denominados de monstruosos, logo, não estudamos apenas o caso em si, mas as suas repercussões e toda a sua simbologia e as interações que fazem com a sociedade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillippe. História da morte no ocidente - Da Idade Média aos nossos tempos. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 2017.

Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada (J. Ferreira de Almeida, Trad.). **Sociedade Bíblica do Brasil**, 2017.

BIEHL, João. Vita: life in a zone of social abandonment. Berkeley, Los Angeles, London: **University of California Press**, 2005.

CARNEIRO, Thaís dos Santos., MACHADO, Lucio Mauro Braga. Suzane VON Richthofen: um estudo de caso. **Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/2191>> Acesso em: 18 Mar. 2023.

Cidade Alerta Record. Polícia procura criminoso conhecido como Maníaco do Cruz em Mato Grosso do Sul. Youtube. 5 de mar. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJJNNKdFN-4&t=376s&ab_channel=CidadeAlertaRecord> Acesso em: 12 fev. 2025.

Deixa Falar. Ele colocava suas vítimas em formato de cruz!. Youtube. 4 de Janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5V2m8HYyyWI&abchannel=DeixaFalar>> Acesso em: 12 fev. 2025.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: **Edições 70**, 1985.

DURKHEIM, Émile. 1858-1917. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália / Émile Durkheim: tradução Paulo Neves. (Coleção Tópicos). São Paulo: **Martins Fontes**, 1996. Disponível em: <<https://pedropeixotoferreira.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/formas-elementares-trechos-sugeridos.pdf>> Acesso em 14 Mar. 2023.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análises do Eu e Outros Textos (1920 – 1923) /Sigmunda Freud; tradução Paulo César de Souza – São Paulo: **Companhia das Letras**, 2011.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: O Saber Local: Noos ensaios em antropologia interpretativa. São Paulo, **Editora Vozes**. 7ª Edição, 2003.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: Histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 3, p. 117–141, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1725>> Acesso em: 12 Mar. 2025.

MARQUES, Karina. Entre Deus e o Diabo, a histeria coletiva. Os diabos de Ourém, de Maria Luiza Tucci carneiro. Cotia, **Ateliê Editorial**, 2023.

NASCIMENTO, Raul Victor Rodrigues. Pandemônio Comungado: delineando o conceito de “histeria coletiva” no âmbito das ciências criminais. **Revista Transgressões**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 201–226, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/7220>> Acesso em: 30 mar. 2025.

NUMMER, Fernanda Valli., CARDOSO, Luis Fernando Cardoso e., GOFFMAN, Erving. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 38, p. 407–409, dez. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000200019>> Acesso em 10 nov. 2023.

OLIVEIRA, Dannilo. D. Cidade Alerta: jornalismo policial, vigilância e violência. *apud* GOMES, IMM., org. Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 121-150. ISBN 978-85-232-0797-7. SciELO Books. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998-06.pdf>> Acesso em: 30 Mar. 2024.

PIETTE, Albert. Theoretical Anthropology or How to Observe a Human Being. London: ISTE, Hoboken: **Wiley-Iste**, 2019.

SBT MS. 181111 PERICIA MANIACO DA CRUZ. Youtube. 21 de nov. de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ksE3RGVUrtY&ab_channel=SBTMS> Acesso em: 30 jun. 2024.

SEGATA, Jean. Lontras e a construção de laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço. **Nova Era**, 2008.

The Book of Mormon: An Account Written by the Hand of Mormon, Upon Plates Taken from the Plates of Nephi, 1830 edition.

VARGAS, Fernanda de., WELTER, Lisiane dos Santos., STEFFLER, Hellin Thais., SILVA, Henrique Corrêa da. A Multidisciplinaridade Entre Direito e Psicologia na Repressão de Atos Infracionais: Um Estudo Teórico do Caso “Champinha”. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, v. 10, n. 1, p. 70–90, 26 dez. 2020. Disponível em: <[https://10.17063/bjfs10\(1\)y202070-90](https://10.17063/bjfs10(1)y202070-90)> Acesso em: 30 jun. 2024.